

Os Crimes de Deus

“O Enigma da Verdade”

INTRUDUÇÃO

Quando o universo desafiou a humanidade no manifesto das infinidades, o mundo parecia renascer na sua própria consciência, “de onde viemos, para onde vamos”. Então Darwin escandalizou com uma resposta divina, para o enigma dos enigmas e os terráqueos emudeceram. Um novo conceito de inteligência explode e fronteiras inexpugnáveis começaram a ruir. Não obstante, Freud mergulhou profundamente na mais inconsciente das consciências e explicou simplesmente o inexplicável. A humanidade atônita irrompeu questionando mais e mais, e Einstein como um profeta da física, teorizou a mais relativa das relatividades e abriu um universo de inteligências. Estamos vivendo no século XXI, a plenitude da idade da ciência. Conhecemos a história, a psicologia, a antropologia, a paleontologia, o carbono 14 e a imagem multiespectral que capta dados em frequências específicas através do espectro eletromagnético, capaz de desvendar os maiores mistérios da humanidade. Por outro lado, o primitivismo religioso secularista, afetou a credence da humanidade em busca de clemência, salvação e perdão.

No auge da exploração da fé, superstições generalizadas, mitos aterrorizadores, conjurações demoníacas, causaram uma epidemia mental construída com base em doutrinas indutivas, arcaicas, peregrinações, santidade e psicodramas, que sucumbiram até o cumprimento obrigatório da devoção, e a culpa pela morte de Cristo. “mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa”.

Apresento aqui um novo conceito sobre a real compostura divina que mudará a maneira de pensar dos religiosos, sobre um novo valor para a conotação da hipotética existência de Deus. E por muitos motivos, aludimos o combate ao vício religioso, a escravidão religiosa e a venda da crença na forma mais abjeta da ilusão, da infame ideologia entre o bem e o mal, que se enfrentam pela eternidade, em conotações subjetivamente evasivas, sem fundamento racional, vendendo ideologias antológicas, atreladas a silogismos nitidamente plantados na liturgia do catequismo, objeto principal da crença alienada.

Somos inteligentes, e substancialmente evoluímos e saímos da classificação “hominini” para o “homo sapiens” do latim homem sábio, estamos na era da cosmologia, desvendando as mais infinitas leis do universo. A infantil proposta do deísmo bíblico, diante da grandeza extraordinária da nossa evolução, torna o Deus primitivo um folclore insanamente ilusório. Passamos a observar que do início ao fim, a bíblia foi escrita com sangue, terror, e hipocrisia, e tudo leva a crer que o objetivo era formar fiéis devotos psicologicamente coagidos pelo pavor das consequências do terrorismo do deísmo, como mostraremos neste livro.

O objetivo é esclarecer as ações do maquiavelismo religioso, que usa o termo divino e a bíblia reconhecida como livro sagrado, para fomentar o lucrativo negócio da religião que exaltam rendimentos estratosféricos desde os tempos de Moisés.

Para um melhor entendimento é necessário explicar, que para o personagem principal, será usado a palavra “**Deus**” ao invés da grafia inglesa “Iahweh” como se refere na bíblia de Jerusalém; “Jeová” na bíblia dos protestantes, usado na grafia alemã; e “Javé” nas escrituras dos hebreus, usado na bíblia dos católicos, também usada por Freud.

Estudaremos os atos inglórios do terrorismo religioso, vinganças, emboscadas, roubo, e escravidão, praticadas pelo próprio Deus em pessoa, escancarado na bíblia como se fosse coisa sagrada. Questionaremos, por que um Deus com esses antecedentes criminais foi usado pelas instituições religiosas como uma representação benevolente, a ponto de convencer 60% da população do planeta a seguir os terríveis fundamentos desse deísmo, resultando em uma filosofia completamente antagônica aos direitos humanos, não só na sociedade dos remotos tempos da bíblia, mas para qualquer sociedade em qualquer tempo.

É nesse contexto, que será discutida a história do Deus todo poderoso, até chegar ao cristianismo, e para exemplificar serão usados os mesmos exemplos descritos na bíblia “na íntegra” para que não haja dúvidas quanto às atrocidades e imoralidades praticadas pelo Deus onipotente. Serão usadas as mesmas identificações que codificam os versículos da bíblia, vírgula por vírgula, para que você possa conferir e confrontar com a sua própria bíblia.

Entretanto, antes devo explicar o significado da bíblia, que livro é esse, como foi inventado e por quem, e as alterações apócrifas que as instituições fizeram para atenuar e obscurecer versículos inteiros, apenas para manter a fidelização dizimista. Bíblia (do grego βίβλια) é um texto religioso de valor representativo considerado sagrado, cuja interpretação religiosa vincula o motivo da existência do homem na Terra sob a perspectiva Judéia narrada por humanos. É um código propagado pelas Igrejas como divinamente inspirado, sendo um documento doutrinário originalmente compilado pela Igreja Católica, para orientação e influência das suas doutrinas. A bíblia original, (bíblia hebraica) especificamente o antigo testamento foi escrita pelos Judeus, (antigo povo Hebreu) hoje os

Israelenses. Ptolomeu II Filadelfo, de Alexandria, contratou um grupo de aproximadamente 72 judeus com capacidade fluente tanto em "Koiné" quanto em "hebraico". Daí surgiu a tradução agora conhecida como a Septuaginta. A Bíblia cristã canônica foi formalmente estabelecida pelo Bispo Cirilo de Jerusalém em 350 d.C. Mas a tradução definitiva a Vulgata latina de São Jerônimo, surgiu entre 382 e 420 d.C. As traduções latinas, anteriores a de São Jerônimo, são conhecidas como os textos Vetus Latina. Alguns estudiosos concordam que foram compilados pela primeira vez, apenas após o exílio babilônico, a partir de outros textos datados entre o décimo e o quarto século antes de Cristo. Muitos estudiosos também afirmam que ela foi escrita por dezenas de pessoas de diferentes regiões e nações.

O novo testamento surgiu a partir dos anos 45 a 90 d.C. Escrito pelos cristãos primitivos, para atenuar a aspereza ignóbil do antigo testamento, porque o Deus onipotente protagonizava um ditador narcisista, teocrata, inseguro e inconsequente. Nenhuma religião remanescente do deísmo monoteísta de Moisés escreveu nada. Exceto o islã, que construiu seu código usando a mesma base do código Hebreu, utilizando os mesmos personagens. Cada uma das religiões usa um pedaço das escrituras hebraicas como se fosse seu dogma particular, mas o que prevalece na história é o dogma escrito pelos hebreus entre, 1445 a 450 a.C. Sendo usados por religiões que de maneira apócrifa, manipulam os versículos segundo os seus interesses, para manter a fidelidade da massa cativa em suas congregações.

Muitos crentes acreditam piamente que a bíblia que eles têm foi escrita por Deus, ou intuídas por Ele. Mas no desenrolar da leitura deste livro, ficará claro para estes devotos, que o Deus dogmático da bíblia original, é completamente diferente do Deus misericordioso que os líderes religiosos vendem nas igrejas, para obter a fidelidade da credence contribuinte.

Curiosamente é o livro mais vendido de todos os tempos com mais de seis bilhões de cópias em todo o mundo. A palavra "inspirada" (theopneustos) na língua original grega significa literalmente "soprada por Deus". Obviamente, que durante a leitura será esclarecido o porquê do equivoco deste inusitado Best seller. E porque a igreja proibiu que os leigos possuíssem e lessem a bíblia, proibiu de ser traduzida, e maquinou todos os meios de tornar a bíblia incompreensível para os leigos. Os artífices que escreviam ou imprimiam por conta própria, foram perseguidos, considerados hereges, e dezenas de milhares foram exterminados. E em 1596 a igreja tentava com operações sem precedentes, suprimir qualquer traço residual do texto sagrado em italiano.

Jerônimo foi um grande apologista cristão, e também conhecido como tradutor da bíblia do grego antigo e do hebraico para o latim, conhecida como a vulgata de São Jerônimo, e ainda hoje é o texto bíblico oficial da igreja católica romana. A vulgata foi publicada aproximadamente em 400 d.C. Poucos anos depois de o imperador Teodósio I, ter feito o cristianismo a religião oficial do império romano em 391 d.C. Por causa do motivo de alguns confrontos com a versão anterior, ele fez uma revisão nos quatro evangelhos em linguagem latina, com base nos originais em hebraico e grego, da língua septuaginta da versão grega clássica do antigo testamento do tempo pré-cristão. A vulgata teve seu texto oficial reconhecida pelo concílio de Trento em 1546.

Discutiremos portanto, porque a bíblia foi mantida por séculos escondida na sombra do grego e do latim. A primeira versão em inglês foi escrita por William Tyndale em 1534, que iniciou a tradução em Inglês usando o texto grego compilado por Erasmo, de diversos manuscritos antigos da "Vulgata Latina" de São Jerônimo (340-420) d.C. Mas foi estrangulado até a morte e queimado na fogueira, antes de terminar a tradução. A primeira tradução para o Brasil foi escrita em 1920 pelo Padre Matos Soares, vendida pelas edições paulinas a partir de 1950, por ordem do Papa Pio XII.

As traduções católicas passaram a ser escritas a partir dos originais, hebraico-aramaico e grego. A primeira tradução católica nessa linha tem registro em 1958, foi traduzida dos originais. Em 1981 foi substituída pela mundialmente famosa bíblia de Jerusalém, traduzida dos textos originais e é considerada uma típica bíblia de estudos. A bíblia é um livro dividido em dois testamentos, o Novo e o Velho, considerado por quem escreveu e traduziu, como inspirados pelo Espírito de Deus. Entretanto mais adiante poderemos tirar conclusões, se com todas as atrocidades hediondas e os piores barbarismos de extermínio praticados e ensinados por Deus, ainda será possível considerar se a inspiração divina poderá servir para a integridade humana ou qualquer tipo de existência inteligente nesse planeta.

Devo sublinhar, que as bíblias de uma maneira geral usam o mesmo assunto, mas descrevem uma interpretação conforme os interesses das instituições, usando o tom prolixo das palavras para obscurecer a compreensão do leitor. Por isso, se você desejar tirar conclusões mais verdadeiras sobre os fatos é recomendável que consulte a bíblia de Jerusalém, porque tem uma tradução mais fidelizada da bíblia hebraica original. Obviamente os assuntos relacionados com esse trabalho, não se refere aos crentes das religiões que têm vínculos com o deísmo que envolve essa paranóia febril, pois esses são vítimas. O que vai ser discutido aqui envolve o maquiavelismo religioso a partir do livro principal, na íntegra, e chama atenção para a exploração dos negócios da fé, usando o terrorismo físico e psicológico do deísmo em questão, que se espalhou pelo planeta como um câncer exterminador, atacando a fragilidade daqueles que têm os corações cheios de fé, na busca pela salvação e dúvidas sobre os desígnios da vida após a morte, em nome de Deus e de Jesus.

A maioria dos dados foi catalogado com data e local, e comparados com dados retroativos em outras épocas

vividas na própria bíblia. Esperamos que a leitura deste livro ilumine a sua percepção religiosa quanto à realidade e controvérsias das narrativas dos escritores da bíblia. É evidente que estudos epistemológicos investigados cientificamente com base em escritos encontrados em escavações arqueológicas desmistificam completamente a ideologia desse deísmo. Algo que nunca será contestado nas assembleias e templos religiosos, porque o fiasco divino da criação corpórea de Deus é obra da ficção imaginária do homem ambicioso, que conhece muito bem os anseios dos seus fiéis por adoração e devoção, sem contar que no desenrolar da história, vamos entender porque Deus matava gente inocente para fundamentar sua ideologia sanguinária.

Discutiremos também, como a religiosidade indutiva na fé dos crentes, ganhou força pela violência, torturas psicológicas, e abuso de poder, que levaram a humanidade para as dependências religiosas, tirando completamente a opção do indivíduo quanto a um conceito analítico do real valor espiritual. Você ficará conhecendo todos os crimes hediondos consagrados por Deus com detalhes, e todos os locais, quantidades de vítimas mortas barbaramente, os motivos, e as taxas do dizimo estabelecida por Ele, tudo relatado no “Livro Números” da bíblia. E também a partilha dos despojos, ou seja, tudo o que eles roubavam das vítimas depois da chacina: terras, casas, gado, jóias, incluindo crianças que eram vendidas como escravas, mulheres virgens, ofertadas a Deus como tributo.

Saiba também, que a propalada terra prometida por Deus, foi tomada barbaramente “*ao fio da espada*” termo que Ele gostava de usar, matando pessoas inocentes, em uma verdadeira limpeza étnica, que envolvia espionagem comandada pelo próprio Deus e Moisés. Modelo usado até hoje através de movimentos que manipulam o poder teocrático como o Talibã, Estado Islâmico, Boko Haram, entre outros, invadindo terras produtivas, como fazia o Deus todo poderoso em conluio com Moisés e Josué.

Logo depois de conhecer toda essa carnificina religiosa, compreenderá porque o novo testamento foi escrito com nova linguagem e aforismos atenuantes, colocando o Deus onipotente como criatura benigna, condescendente e misericordiosa. Obvio que isso só poderia ser visto, pelos conceitos inebriantes de Paulo, exaltados com o propósito de iludir.

Confrontaremos embasamentos históricos, de cientistas e historiadores especializados no assunto por universidades conceituadas espalhadas pelo mundo. E ficará claro, que a maioria dos contos bíblicos, por falta de documentação histórica é considerada uma ficção utópica e uma fábula, como um propósito alienista para seduzir a fidelidade fanática dos pobres fiéis, que ingenuamente ainda pagam por isso.

Praticamente em todos os capítulos do antigo testamento tem o dedo do terror opressivo de Deus, porque no novo testamento, os exegetas trataram logo de apagar essas intransigências desprezíveis, para atenuar a impressão terrorista, antipática e arrogante pregada por Ele. Naquela época a credence desse deísmo, em sua grande maioria era formada por leigos e analfabetos que estavam em fase de amadurecimento. E ficou perceptível que o Deus onipotente era o prenúncio do terror e não uma divindade que ama protege, e espiritualiza. Então a partir do primeiro século da era cristã, surgiram os primeiros livros que seriam inseridos no novo testamento, principalmente os evangelhos e os livros de Paulo, com um perfil simpaticamente benevolente, para atingir mais nobremente o coração dos crentes mais fanáticos e carentes de religião.

O ser humano em todas as épocas, iniciando pelo primitivismo, sempre foram grandes inventores de deuses, semideuses e deusas, muito antes da invenção do Deus todo poderoso, que é considerado um deísmo retardatário, que quando entrou em cena, muitos deuses já tinham feito historia. A quantidade de deuses inventados é imensa, alguns muito pitorescos e conhecidos na literatura. A falta de meios científicos para as explicações do desconhecido acabavam em histórias mirabolantes e fantasiosas. Os deuses primitivos eram associados às safras, invernos e fenômenos naturais, e toda veneração estava empiricamente ligada aos anseios pelo sucesso, para garantir alguma coisa para si. Tudo isso sempre foi usado pelos aproveitadores da fé como misticismo. E se o pedido pelo devoto era alcançado, era atribuído à quimérica utopia do deus venerado. Mas se o pedido não acontecia, era porque o devoto não merecia. Diante da metáfora do “se cola colou” a invenção de deuses vem assolando a humanidade desde os remotos tempos até hoje.

A história do primeiro deus a ser inventado que se tem notícia, data de 50 mil anos, e precede as origens dos aborígenes, uma das culturas mais remotas do planeta. O deus venerado era “a serpente arco-íres”. As tribos respeitavam as cobras, e acreditavam que uma serpente gigante deu forma ao mundo que conhecemos hoje, e também controlava os seus recursos naturais. Os gregos tinham deuses e deusas para tudo, e as mesmas expectativas de carência com os eventos naturais que envolvia o planeta, e exaltavam o poder divino para interferir na vida das pessoas. Na mitologia grega os deuses brigavam entre si, na disputa pelo poder sobre os humanos. Os astecas ofereciam aos seus deuses, o sacrifício humano sob o pretexto da interferência divina para obter boa colheita e caça abundante. Os astecas se aproveitavam do fanatismo doentio, levado pela ignorância cultural e convencia as pessoas a considerar que era uma honra ser escolhida para ser sacrificada em memória do suposto deus asteca. No quesito sacrifício, o Deus onipotente se satisfazia com o sacrifício animal, conforme veremos mais adiante segundo a bíblia, no livro Levítico, as várias formas primitivas de sacrifício animal, em que o próprio Deus dizia que se deliciava com o odor do sangue das vítimas.

Alguns estereótipos esquisitos faziam parte da cultura dos diversos deuses. Por exemplo, diante da cultura machista que sempre dominou o planeta, a maioria dos deuses era do sexo masculino. Na mitologia do Deus

onipotente, os seus inventores se vangloriam com a utopia do deus único, muito embora isso também era um plágio do deus do Faraó Amenófis IV, que inventou o deus Sol Aten, também um deus único, de onde teoricamente, Moisés copiou a sua idéia do Deus único. Todos os deuses inventados pelo homem curiosamente tinham a apresentação antropomórfica, ou seja, semelhante ao homem, exceto a cobra dos aborígenes.

Diante das evidências, quando o cristianismo foi inundado com os “santos” canonizados, ficou claro que essas deidades, foram copiadas da mitologia grega, porque a invenção dos “santos” parece um plágio dos deuses gregos: o deus da chuva, da fartura, do trovão, do sol, do amor, do ódio, enfim um deus para cada necessidade. Em todas as civilizações e culturas existem deuses com seus superpoderes imaginários, para atender os anseios dos devotos e dos líderes religiosos, principalmente dos fomentadores do negócio fácil da fé, os grandes interessados em perpetuar essa utopia mentirosa, porque em todas as épocas da existência humana a religião sempre movimentou muito dinheiro e poder, se aproveitando da fé dos crentes alienados. Então um fator que leva a um grande questionamento, é que as antigas civilizações buscavam na religião uma forma de entender o mundo, devido á total ausência de ciência. No entanto, hoje a civilização atual é super informada, com a mais avançada das tecnologias, tem abundância para formação acadêmica, e intelectualização evoluindo em massa, mas ainda assim, continuam refém da alienação primitiva, influenciada pelos sanguessugas da fé, que há séculos vem escravizando o indivíduo, vendendo a idéia do perdão e salvação, cultivando o sentimento religioso fanático, segundo seus interesses. Fenômeno esquisito, que será explicado mais adiante.

O negócio da religião sempre terminou em mãos de políticos ou religiosos como na teocracia da época atual. Então, não precisaremos raciocinar muito, para conjecturar qual a vantagem para o político e para o religioso. Na verdade a religião é um negócio lucrativo. Para os políticos, é ter a massa fanática sob controle, e para os religiosos, é um negócio, e muito dinheiro em jogo. Só para se ter uma idéia, somente o patrimônio financeiro da igreja católica romana, está avaliado em mais de oito bilhões de dólares, sem contar com o patrimônio imobiliário que envolve edificações e terras espalhadas pelo mundo, que tem valores colossais inestimáveis. Hoje vemos na televisão e vídeos na internet, pastores protestantes ludibriando seus fiéis com promessas vazias em nome de Deus e de Jesus, arrancando facilmente dos pobres coitados que dão: carros, imóveis, dinheiro, cheques, cartão de crédito, facilmente fisgados na visível ingenuidade de gente que acredita que aqueles embusteiros vão interferir milagrosamente em suas vidas. Quando na verdade não passam de fiéis devotos engrupidos, que acabam como motivo de chacota entre os espertalhões, enquanto contam o dinheiro fácil que conseguiram arrancar dos pobres coitados.

Ao redor do mundo, pessoas reconhecidas na internet como falsos profetas: Nas Filipinas, Apollo Quiboloy, “se declarou Messias”, e fundou o Reino de Deus. Em Porto Rico, José Luís de Jesús Miranda, fundador da Igreja Apostólica Cresciendo en Gracias, é conhecido como “El Jesús Cristo Hombre”. No Brasil, Iuri Thais, popularmente conhecido como “Inri Cristo”, fundou a Suprema Ordem Universal da Santíssima Trindade. Na Rússia, o Jesus da Sibéria e Vissarion, disse ter recebido uma revelação especial dizendo ser “Jesus Cristo retornado”. São milhares espalhados pelo mundo, no negócio fácil do dízimo. Alguns já milionários, com aviões, helicópteros, fazendas, canais de televisão, emissoras de rádios. Estes, não ligaram para o voto de pobreza de Jesus Cristo, nem se importaram porque ele disse, “que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar”. Entretanto a agudeza da exploração da fé humana se disseminou em todo planeta. O homem na sua natureza é um ser adorador e carente de divindades, portanto, presa fácil desde os primórdios.

Veremos ainda nesse livro, como Moisés arrancava o ouro dos devotos, estabelecendo taxas abusivas para seus seguidores, que pagavam impostos a partir do momento em que estivessem aptos para manusear uma espada e ainda os usava como guerreiros, para saquear e exterminar populações inteiras com a ajuda de Deus.

Não poderíamos deixar de relacionar e falar sobre o separatismo, propagado pelas religiões, constituindo-se na maior impreciação da humanidade contra a integridade dos relacionamentos humanos. E a forma como as religiões agem separando parentes e povos. Trata-se de uma estratégia do negócio da própria igreja. Elas usam intensamente o processo da alienação, afastando os fiéis dos parentes que não se converteram ou não compartilham a mesma religião ou ideologia, dizendo que eles não aceitaram a “palavra” e estão sob a influência de Satã, criando abismos intransponíveis entre eles. Com isso, mantém a massa alienada completamente imune da influência externa sob total controle, induzindo manipulação subliminar na formação cultural, limitando: livros, filmes, TV, musica, qualquer coisa que possa desviá-los do controle da igreja, e aplicam cultos religiosos sistematicamente, para manter suas mentes ocupadas sob controle. Em entrevista nas páginas amarelas da revista “Veja”, um pastor de grande audiência, disse que o fiel que menos vai a sua igreja registra presença três vezes por semana. O que nos leva a acreditar que o registro da presença, é uma maneira controladora de manter o fiel dizimista sobre o controle de uma visível alienação. Evidentemente Isso é um artifício, para que este não tome conhecimento das coisas mundanas que poderia desviá-lo da fidelidade dos negócios da igreja, que obviamente resume-se no ato dizimista do fiel contribuinte.

No tempo de Moisés, o separatismo se dava por completo. Ele com o apoio de Deus onipotente, invadia cidades, matava homens, mulheres e crianças, em uma execrável limpeza étnica, e no final da chacina roubavam todos os pertences das vítimas, se apossavam das terras, casas, jóias, gado, e por fim estigmatizava o ato criminoso, como santa invasão da terra prometida. Veremos mais adiante e conheceremos com detalhes, todos esses horrores como está escrito nas “sagradas escrituras”, como se fosse coisa do divino, e também os sofismas pretensiosos,

qualificando Deus todo poderoso como entidade misericordiosa e repleta de bondade, mesmo depois de Ele ter exterminado mulheres e crianças.

Em nenhum lugar do planeta as religiões inspiradas pela acepção do ideologismo do deísmo de: Deus, Javé, Yahweh, Jeová, Alá ou do cristianismo, pôde conviver democraticamente em qualquer época, incluindo os dias de hoje. Em alguns países existe a presença de algumas religiões, mas é visível a intolerância conflitante pela discussão teológica de acreditar, nesse ou naquele pedaço da bíblia. O ecumenismo inter-religioso é apenas um motivo da turma do “deixa disso” para evitar derramamento de sangue, nos lugares mais civilizados, como a briga entre católicos e protestantes na Irlanda, que vem se arrastando desde a idade média. E também os ataques perpetrados por seitas islâmicas gerando um conflito confessional entre cristãos e muçulmanos na África, na época atual. Mas historicamente essa pendenga religiosa do “povo de Deus”, vem de longas datas pelas regiões da Arábia, Síria, Palestina, Império Persa, Egito e todo o norte da África. Ora, se é coisa divina e amor eterno, porque as religiões mataram até hoje milhões e milhões de pessoas, apenas para manter a hegemonia absolutista. Veja o que está acontecendo na África na época atual, à teocracia invadindo países, não pela paz da gloria de Deus, mas pelo poder absoluto ditatorial abominável, também cometendo os mesmos horrores da limpeza étnica, exatamente igual como faziam, Moisés e Josué com a ajuda de Deus.

Provavelmente tudo o que falamos aqui, será questionado e demonizado. Esse é o mais grotesco e pueril artifício, usado pelas instituições religiosas contra a ingenuidade dos seguidores. Ocorre que não se trata de um equivoco da ficção. Todas as narrativas envolvem o que está escrito na própria bíblia. E os fatos históricos vêm de fontes fidedignas coletados em estudos de pesquisas por vários anos, atestados pela idoneidade de universidades centenárias e pessoas de moral inatacável de prestígio mundial, que descortinam e revelam a verdade diante de tantas atitudes insolentes e suspeitas, arquitetadas pela igreja primitiva.

Os tempos da obscuridade estão se acabando, nada mais ficará incólume. As escavações arqueológicas, a internet, e a TV, estão aos poucos desvendando e desmascarando acontecimentos e registros apócrifos, propositadamente adulterados, ajustados aos interesses da religião. Novas descobertas vão desvendar mais mistérios, e provavelmente levará a tona toda podridão e patifaria usada contra o povo em nome de Deus e de Jesus, em mais de dois mil anos de especulações, realçando fatos, usados sornateiramente até hoje, para impressionar os menos cultos, tirando proveito do inconsciente coletivo, da ignorância, da credence popular, fomentando a promessa vazia e ilusão do bem estar no Céu.

A educação, os meios de comunicação e o amadurecimento intelectual, vão libertar o indivíduo escravo da religião pela sujeição da fé e dependentes da culpa instituída pelo vivaz apelo do martírio da paixão e a propagação da “mea culpa”, repetida por gerações. Então convenhamos você não deve nada a ninguém, nunca existiu o ato de lavar os pecados do mundo. Tudo não passa de um grande teatro, e do aproveitamento sensacionalista da igreja de Roma. Sua dívida moral se constitui exclusivamente quando você transgride os valores morais da sua própria consciência e das regras sociais. Você não deve nada á um Deus inventado exclusivamente para alimentar os anseios megalômanos de líderes religiosos, interessados nos lucros dos negócios da fé.

Liberte-se, não somente do explorador finório, usurpadores da sua fé, como também dos seus medos interiores, mesmo que sua expectativa deísta tenha ruído por terra. Todas as pessoas conscientes ou inconscientes têm medo. Não esqueça que o mundo é uma caixa de surpresas, repleta de coisas ávidas a serem exploradas, manuseadas e admiradas. O mundo não gira em torno da religião. A sua intelectualidade moral é o seu grande universo. Transcenda uma nova experiência em um novo contexto evolutivo, sem ter que pagar a ninguém por isso. Transfira suas energias para exaltar os melhores valores para sua individualidade, ou para uma coletividade. Olhe para trás, e veja a quantidade de mortos, e quanto sangue foi derramado para que a religião do deísmo do cristianismo possa prevalecer. Pergunte a você mesmo, se quer continuar a ser cúmplice dessa calamidade religiosa. Muitos mataram, exterminaram mulheres e crianças e saquearam indiscriminadamente, depois em seguida falaram palavras amenas e melosas em nome de Deus ou de Jesus, e da família, para comover os descautelados. Muito sangue, injustiça, opressão e abuso de poder, já foram cometidos em nome da sua fé. Questione os valores das coisas que lhe são ditas, acabe com essa máxima evasiva de dizer "acredito porque acredito" isso é uma resposta estéril, e vazia. Observe o conteúdo das estrofes que você está lendo ou alguém está teatralmente recitando para você. Não se impressione com essa momice cênica, alguns desses narradores, tem um “QI” inferior ao seu.

Liberte-se do medo psicótico, plantado em sua mente para restringir seu acesso a mais saudável das coisas intelectuais, disponíveis somente para pessoas normais. Assuma sua pluralidade e expulse a covardia intelectual deliberadamente plantada para inibir seu interesse pelos valores literários e culturais. Lembre-se, eles precisam da sua atitude vazia e inerte, para que sempre estejam por cima explorando toda a sua boa intenção, enquanto a desinformação lhe corrói e degrada seus valores intelectuais, lhe empurrando literalmente para a mediocridade.

Saiba que você é vítima de um processo subliminar, em que se escraviza o intelecto para usufruto interesseiro dos usurpadores da fé, dos seus valores e dos seus direitos. Saia do estigma de ovelhinhas ingênuas, pastoreadas pelos espertalhões vorazes, lhe observando e lhe transformando em um humilde e obediente contribuinte. Pare com essa máxima de ser servo de Deus, isso é uma balela secularista. O significado de servo no dicionário é "escravo". Você está sendo instigado por um velhaco apelo emocional com o propósito de estabelecer um sentimento de culpa e lhe tornar um escravo, porém, antes eles vão lhe dar um curso, em que, primeiro você

paga para aprender a ser escravo, e depois vai trabalhar de graça para eles, sem culpa. Logicamente depois de algum tempo sua ficha vai cair, mas aí, eles já terão outra turma de desavisados para colocar em seu lugar.

A estrutura religiosa compõe-se de exploradores e explorados, se você faz parte da segunda opção, comece a refletir se são esses os valores que você quer para sua existência. Profissionais da religião, peritos em comunicação, usam e abusam da melhor maneira que lhe convém, para introduzir qualquer conteúdo literário com o intuito de lhe abduzir para suas instituições, o transformando em fanático teísta embriagado pela teologia do deísmo, que você deve aceitar da maneira que lhe foi dita. Portanto, não lhe cabe na condição de zumbi subserviente, questionar nada. É o legítimo processo da alienação, da subcultura, promovendo a submissão. Devemos considerar, que tudo isso constitui um perigo eminente para a humanidade. Diante do avanço da teocracia, conforme podemos ler no livro "O Caçador de Pipas" de Khaled Hosseini, um momento bárbaro em que a violenta teocracia talibã invadiu o Afeganistão. De repente obrigaram todos os habitantes, (antes com vida independente) a adotar o terrível regime teocrático, em que as autoridades religiosas estabelecem leis, e manipulam o poder civil e religioso, quando hoje o mundo conhece o verdadeiro significado do radicalismo ditatorial do poder da teocracia. A partir daí, todos os valores culturais existentes foram extintos, todos os meios de comunicação foram controlados, e a população se transformou em um bando de devotos acéticos, a serviço escravo das novas lideranças políticas e religiosas. Tudo radicalmente imposto pela força militar prepotente em nome de Deus.

A inteligência humana é um privilégio soberano que temos sobre todas as outras criaturas que existem nesse planeta. Segundo Fábio Marton, em seu livro o ímpio, "*a partir do momento em que o indivíduo se dispõe a aceitar a entrar em uma seita religiosa qualquer, perde logo de início, 40 pontos no QI*". A partir daquele momento, todas as suas ações passam a ser controladas pelos líderes das instituições. Promovendo cultos de longa duração, alguns com mais de seis horas, para que os fiéis devotos não tenham tempo para se envolver com qualquer outro tipo de comunicação, principalmente a televisão. O relaxamento das autoridades diante dos avanços das teologias teocráticas é um terrível engano. Não existe consenso político diante da imposição da invasão da teocracia primitivista. Eles são o Governo e a Religião. É bom, os guardiões da liberdade de expressão comecem a abrir os olhos, a partir de agora, enquanto é tempo, ou em um piscar de brevidades seremos alienados pela insolência da violência de religiões indutivas, quando então, voltaremos à idade da pedra, na maneira de viver e de pensar.

Na igreja católica, instituição que está em decadência há anos, o dízimo nunca foi o produto principal, o negócio era mais ambicioso, convencia o fiel devoto a doar seus bens imóveis, em troca do indulto do perdão para conseguir uma vaga no céu ao lado do senhor. Hoje na linguagem jurídica, este ato da doação feita sob forte emoção é chamado de "vontade viciada", uma vez que a vítima doadora cai em si, e percebe que não queria fazer aquilo. Então a extorsão "divina" se transforma em caso de justiça. Com essa esperteza ludibriosa, a igreja se transformou no maior patrimônio imobiliário e latifundiário do planeta, e além da Europa também obteve grande soma do seu patrimônio na época da colonização da Américas.

Estudaremos como o Deus da Igreja Católica Romana, foi inventado, quando, como, onde, e por quem. Em narrativas do livro de Freud (Moisés e o Monoteísmo), veremos um relato completo do seu trabalho de pesquisa com base em escritos da época, conseguido em escavações arqueológicas. Veremos um farto material literário que narra detalhadamente, onde e quando Moisés inventou o Deus de Israel, ou melhor, de onde ele copiou a ideia para criar o monoteísmo do Deus único e efetivamente a religião dos judeus. Religião que passou algum tempo na obscuridade, e séculos mais tarde sob a égide da violência e do exterminio, se transformou no cristianismo. Segundo Freud (Moisés e o Monoteísmo) p.72 "*a Igreja até aqui, constituirá o incansável inimigo da liberdade de pensamento e do progresso no sentido da descoberta da verdade!*" Freud ainda ressentido por se sentir oprimido para expressar seus ideais, principalmente sobre esse livro disse, "*Nosso trabalho leva a uma conclusão que reduz a religião a uma neurose da humanidade*". O absolutismo religioso é a matéria prima da hipocrisia, para a conquista dos devotos. Ao longo da história do cristianismo, na bíblia ou na ficção, existe o rastro da perversidade, da desumanidade e do pragmatismo. Tudo artificialmente usado para conquistar a fidelidade religiosa e para sedimentar os interesses dos fundamentos do deísmo do monoteísmo, usurpando a liberdade de expressão, maculando o sentido religioso com um seguimento de repúdio, que em nada se assemelha ao idealismo do amor e da fraternidade, almejado pela humanidade.

Conheceremos com detalhes como o cristianismo foi inventado, como, quando, onde e por quem. E saberemos também que, em toda sua existência, mesmo na nossa época, o secularismo do cristianismo vem sendo transmitido de forma insidiosa como uma invenção divina, a partir da paixão de Cristo, segundo a historicidade dos fatos. Sem sombra de dúvidas, o Imperador Constantino, moldou a iniciação profissional da igreja católica apostólica romana, e conseqüentemente o Cristianismo. Sem essa mãozinha oportuna do Imperador, certamente o cristianismo nunca teria passado de uma seita esquecida e inexpressiva em Jerusalém. Ele teve grande influencia principalmente nos dogmas tradicionais, conhecidos como édito de Constantino, promulgados em 321, que determinava oficialmente o domingo como dia de repouso, com exceção dos louvores, usando a sua prerrogativa de primeiro pontífice (papa), para fixar festas religiosas. Neste episódio apostólico romano, é visível que Constantino protagonizava o papel principal, não existia nenhum acordo envolvendo o Deus cristão, ou qualquer um dos personagens do cristianismo de

Jerusalém. A disputa pela soberania da igreja católica passou a ser entre os romanos. O próprio nome da instituição (IGREJA CATOLICA APOSTOLICA ROMANA) denuncia que o cristianismo imperial foi um negócio inventado pelos romanos sem nenhuma participação dos líderes religiosos de Jerusalém: Jesus Cristo, Pedro, Paulo, Marcos, ou qualquer um desses, que hoje oportunamente figuram como santos canonizados. O que se sabe desse episódio descrito na própria bíblia, é que a igreja de Roma matou todos eles: Jesus, Pedro, Marcos, Paulo. Mas como é do conhecimento dos devotos, todos foram convenientemente transformados em mártires.

O acordo divino papal, vinculando Deus ao Papa, se configura em uma utopia religiosa sem precedentes, que vende a ideologia divina, em que pessoas normais se fazem passar por santidades próximas a Deus. Também nunca se viu nada ou qualquer acordo, em que um Papa tivesse poderes para interpretar a vontade de Deus. Na verdade, o Papa era apenas um funcionário do império romano, indicado pelo imperador, que gozava dos mesmos direitos sociais e trabalhistas que obtinha um soldado romano. Constantino como promotor e proprietário da seita do cristianismo, se considerava dono absoluto da igreja e nomeava quem queria para a função de Papa, sem que houvesse qualquer participação divina nessa transação. Foi assim por séculos desde o início, e é assim até hoje. A igreja protestante, e o calvinismo só apareceram nessa história 1500 anos depois, usando o mesmo código dos católicos.

Constantino embora fundador da igreja Católica Apostólica Romana se achava protegido pelo “deus Sol invictus”. E restabeleceu a disciplina no exército romano, estimulando o culto ao Sol. Mas acabou entrando na história professando o cristianismo, quando na sua vitória sobre Magêncio na batalha da ponte Milvio em 28 de outubro de 312, perto de Roma, quando teve um sonho na noite anterior, relacionado com uma cruz, e viu escrito em latim “In hoc signo vinces” ou “sob este símbolo vencerás”. Algo que se transformou em fato histórico, oportunamente biografado pelo bispo Eusébio de Cesárea. Apesar de tudo isso, ao erguer o seu “arco do triunfo” ou o “arco de Constantino”, fez um registro dizendo “Instinctu divinitatis mentis”, ou seja, que sua vitória devia-se a divindade imperial, ao deus “Sol”. E manteve como símbolo principal em suas moedas até 312 d.C. Somente após 317, passou a adotar o símbolo cristão “Chi-Rô” “XP”. Presume-se que sua adoção pelo cristianismo sofreu influência de Helena sua esposa, cristã de nascimento. Ele chegou a fazer uma peregrinação a “terra santa” em Jerusalém, onde fincou uma cruz que ficou conhecida como a “Vera Cruz” e também ordenou a construção da igreja do santo sepulcro, substituindo o templo de Afrodite. Apesar de todo esse envolvimento com o cristianismo ficou claro, que ele nunca se tornou cristão. No dia anterior a sua morte, Constantino fez sacrifício a “Zeus” e usou o título pagão de sumo pontífice. E até o dia da sua morte não havia sido batizado e nunca participou de qualquer ato litúrgico, como missa, ou eucaristia.

Anos depois o édito de Constantino, promulgava o domingo como um dia de repouso, desconhecendo completamente a lei sabática de Deus. Se utilizando de sua prerrogativa como sumo pontífice (o Papa) fixava calendários religiosos, mas o dia de domingo foi escolhido por Constantino por ser o dia do “Sol”, como culto ao “Sol Invictus”. Também tornou o paganismo ilegal e o cristianismo ficou sendo a religião estatal única na sua posição de “Pontifex Maximus”. Ele também convocou o primeiro concílio de Nicéia em 325, apenas com o intuito de unificar todas as crenças, porque as constantes divergências religiosas enfraqueciam seu trono, por falta de unidade espiritual entre os romanos. Uma delas era “heresia ariana” que dizia que Cristo não era divino. Portanto, o cristianismo só passaria a ser religião oficial do Império através do imperador Teodósio I, no ano de 395 d.C. 83 após.

Constantino também foi acusado de ter matado o próprio filho Crispo, seu sucessor direto. Matou também sua segunda mulher Fausta, e mandou estrangular o cunhado Licínio. Ele tinha uma personalidade controversa, mas como primeiro Imperador cristão, foi o fundador do império bizantino, e mais tarde, foi canonizado pela igreja Ortodoxa, mas não lhe atribuiu o status de santo. A canonização foi um reconhecimento por ele ter criado o Estado papal, ou seja, territórios doados aos Papas, conhecido como doação de Constantino. (Constitutum Donatio Constantini) que teve sua validade contestada. A doação certificava a legitimidade do domínio da igreja católica sobre os territórios. Por exemplo, Constantino teria doado ao Papa por volta de 306 a 337, terras e prédios, dentro e fora da Itália. O documento também outorgava ao Papa a faculdade de poder elevar senadores do império ao nível de sacerdote. Era um documento tecnicamente oportunista, que teve a sua autenticidade rejeitada pelo imperador Oto III em 1001. Mas em 1433 o Sacro Imperador Romano-Germânico, o considerou autêntico. Muito embora por muitas vezes o documento fosse considerado falso. E no século XIX, ninguém mais considerava esse documento. Mas aí a igreja já tinha se apoderado de uma quantidade incalculável de bens imobiliários na Europa e ao redor do mundo.

Nesse contexto religioso a igreja protestante pegou o bonde andando, e só foi tomar consciência dessa suposta ligação divina, quase 1500 anos depois da morte de Cristo, na caótica reforma protestante, ironicamente liderada por um insurgente sacerdote católico, o frei Martinho Lutero. Tal evento não se tratava de uma reforma religiosa, era uma reforma mercantilista incitada pelos príncipes da maioria dos países da Europa principalmente a Alemanha, que queriam resgatar suas terras e patrimônios, abocanhados pela igreja católica Roma. Portanto a metáfora do “Representante de Deus na terra” é uma atitude finória, dos espertalhões, que exploram o mega negócio da fé, e usaram durante muitos séculos, o oportunismo como liderança religiosa para iludir e conquistar seguidores ávidos por crença e religião.

Após séculos de carnificina e exploração, o modelo religioso com viés completamente indutivo, gerou um fenômeno que passou a se alimentar sozinho, se valendo da carência espiritual que a humanidade tem por um

deísmo paternal. Com o conhecimento das limitações desse fanatismo, as congregações ganharam vulto sobre o processo de comunicação e manipulação das massas, e criaram uma série de conceitos: Introduzindo obediências litúrgicas; cantorias; trinitarismo; bordões repetitivos; ambiente magistralmente impressionável; para á partir daí, fossilizar a convicção religiosa coletiva. Logicamente, nada disso foi feito pelas vias normais da persuasão da espontaneidade. Hoje todos nós sabemos através da história que reverberaram para o mundo, sobre todas as atrocidades hediondas, no mais alto grau da perversidade, cometidos pelas igrejas, desde Alexandria, passando pela inquisição, reforma protestante, escravagismo, até o colonialismo das Américas. Hoje as religiões se passam pelo status moral superior, vinculado ao Senhor Deus, quando a própria bíblia expõe esse mesmo Deus, como o grande vilão da humanidade. E literalmente exaltado como assassino hediondo de mulheres e crianças, conquistador predador, e responsável pelo desaparecimento não de milhares, mais de milhões de vidas entre o teísmo de Moisés e o cristianismo, como veremos mais adiante tudo detalhadamente descrito na bíblia como ato de heroísmo.

Todos esses medos apocalípticos serão discutidos nesse livro, enfocando na íntegra, usando os dados da própria bíblia, como ponto fulcral, para esclarecer os terríveis enganos que a humanidade fanática religiosa foi submetida para se converter, pela força brutal sanguinária, usando um dogmatismo atávico, para iludir, fidelizar e alienar. Hoje pelo volume financeiro que o dizimismo pode representar para o caixa das igrejas, compreendemos porque a desinformação do crente fiel fomenta o crescimento religioso em algumas partes do mundo. Diante de tudo isso, mesmo considerando o agressivo estilo contextual épico das escrituras, temos que rever o lado negativo de um Deus, que influencia mais de quatro bilhões de pessoas, quando escancaradamente na bíblia Ele diz: *“passem todos ao fio da espada sem deixar um só vivente”* temos que questionar essa visível incoerência, porque o Deus onipotente usa uma linguagem radical e terrorista, matando mulheres e crianças no velho testamento e no novo, Jesus o chama de meu “Pai” e diz... *“perdoa teu inimigo”* ou *“dá a outra face”*. E nesse mesmo livro, o Deus exterminador, é ovacionado sutilmente e chamado por Paulo de “Deus misericordioso”.

Mostraremos na bíblia os locais exatos das abomináveis leis de Deus, e seu conteúdo machista que atentam contra a integridade moral da mulher, desde Eva até Paulo. Um fenômeno que se espalhou pelo mundo como uma praga, causando o estigma da violência contra a mulher em todo o mundo, em nome de Deus, envolvendo tortura, espancamento, humilhações, mutilações, estupros, em proporções desumanas a ponto de instituições como a ONU e Governos locais intercederem, criando Leis para proteger e atenuar o excesso de abusos contra elas. Por outro lado, alguns países de religião muçulmana ainda aplicam o abuso e o preconceito nos dias de hoje. Fatos recentes retratados através do jornalismo mostraram para o mundo, o caso da menina Malala Yousufzai, com apenas 14 anos de idade, baleada na cabeça por militante do regime talibã, apenas porque reivindicava seus direitos de estudar. No Irã, país sob o regime Teocrata, cortou 77 cursos em universidades para mulheres iranianas, eles alegaram que nem todas as estudantes estavam satisfeitas com as condições para que houvessem sido admitidas. Mas é nítido que tratava-se de discriminação sexual, porque as mulheres iranianas superaram os homens na proporção de três para dois, nos exames para entrar na universidade. No novo testamento iremos rever as recomendações de Paulo, estimulando situações em que a mulher deve sempre se colocar em posição inferior ao seu marido, principalmente no recinto do templo.

Uma passagem bíblica no livro “Números, 31-40”, chama a atenção para o fato, de que das 16 mil mulheres virgens que foram escravizadas por ocasião das invasões, Deus em pessoa ficou com 32, para usufruto particular. E em (NUM:31-50) daquilo que saqueou, os soldados ofertaram para Deus, objetos de ouro, braceletes, pulseiras, anéis, brincos, e colares. A oferta que foi feita para Ele, deu um total de, trinta e um mil, seiscentos e setenta e cinco gramas, oferecido pelos generais e capitães. Pelo tamanho da parte que ficou para Deus, podemos fazer uma estimativa da quantidade de mulheres que foram chacinadas nessa carnificina desumana comandada por Deus e por Moisés.

Discutiremos porque o inferno foi inventado. Note que em toda a bíblia do deísmo de Moisés até Malaquias, a expressão “queimar no fogo do inferno” ou “profundezas do inferno” não existe. Mas a partir do novo testamento, o inferno ganhou força e se popularizou, como um novo produto da igreja para alavancar o negócio da remissão dos pecados e consignar uma forma psicológica de controle sobre os indivíduos provocando hadefobia, o medo mórbido do inferno. Para obter mais privilégios a igreja espertamente se colocou na posição de condenar ou perdoar os pecados, para livrar o delinquente pecaminoso do fogo do inferno. O personagem do diabo ganhou força, e também a titularidade absoluta de proprietário das profundezas do inferno. Depois a mídia contemporânea, teatro, livros, folhetos, se encarregaram de criar a mitologia do capeta. E como era de se esperar, a palavra “pecado”, passou a ser mais um item na relação de produtos da igreja, para manipular, perdoar ou condenar o indivíduo no ato da confissão, quando supostamente, através de um ato da liturgia, recebe a absolvição do perdão divino dos pecados confessados. Hoje essa pratica de ouvir os pecados modificou. Após o amadurecimento da cristandade, foi observado que isso não passava de invasão de privacidade. Todos aquelas pessoas contando suas intimidades á padres, que teoricamente não podiam revelar o segredo da confissão. Então a igreja determinou que a confissão fosse de forma coletiva e impessoal, momento em que o devoto recebe a declaração do perdão, “a promessa da graça”.

Entretanto devemos sublinhar que a remissão dos pecados é uma invenção oportunista e exclusiva da igreja, para atender seus interesses comerciais. O Deus onipotente inventado por Moisés, não tem nada a ver com isso, porque em nenhuma pagina da bíblia, Ele jamais enviou ninguém para o inferno, nem perdoava ninguém, suas

condenações eram todas brutais e imediatas, tudo acontecia no tempo “presente” nada de futuro. Ele exterminava ou mandava doenças. Essa nova invenção oportunista e coercitiva do inferno faz parte de uma grande jogada comercial, que fomenta o negócio de todas as religiões remanescentes do deísmo do cristianismo. Embora depois de dois mil anos de engodo o Papa Francisco já declarou para o mundo que “não existe inferno”.

A Reforma Protestante foi um grande calo que surgiu no caminho da igreja católica que devorava sozinha o bolo do negócio, como sanguessugas da fé. Teoricamente a igreja católica romana, era uma instituição religiosa que deveria cuidar dos anseios religiosos e espirituais dos seus fiéis. Mas no final da idade média, estava ocupada somente em ampliar seu poder econômico e político. A credibilidade da igreja como instituição benevolente e representante de Deus na Terra, sempre foi um equívoco inominável. A história nos conta suas insubordinações e abusos de poder em todos os momentos da sua existência. Seu envolvimento com a ardilosa venda de indulgências deflagrou o descontentamento de insurgentes que acreditavam nos ideais de salvação e da vida eterna, como foi o caso do monge agostiniano, Martinho Lutero. No reino da Alemanha a venda e cobrança das indulgências, serviam para cobrir os empréstimos aos bancos, feitos pelo Papa. A questão espiritual era tão banalmente negligenciada e sem importância, que somente aqueles que poderiam pagar o preço exigido pela igreja, tinham a suposta garantia da salvação da sua alma. Note que esse fiasco da salvação, sempre foi um excelente produto de convencimento para ludibriar a fé humana. A igreja sempre foi uma instituição de péssimos exemplos nessa época. O comportamento escandaloso do clero vivia em total desacordo com os ensinamentos cristãos, que eles mesmos pregavam “para os outros”. A hipocrisia do celibatarismo era um dever tão descarado, que padres, bispos e até mesmo os Papas, tinham mulheres, amantes e filhos. Por isso, muitos viviam maritalmente com suas governantas, as escondidas da sociedade, sem que as mulheres, parceiras ou filhos pudessem recorrer a qualquer direito legal.

O frei franciscano Martinho Lutero parecia bem intencionado quanto aos seus ideais, batendo de frente com a corrupção da igreja católica, combatendo as ridículas vendas de indulgências. Mas seus ideais foram transformados em um oportuno bode expiatório, para os políticos da Alemanha, especificamente os Príncipes, que se aproveitaram dos ideais religiosos de Lutero, para deflagrar uma revolução para reduzir a influência do Papa e do imperador Carlos V, que também era o Rei da Espanha na época. Mas o ponto fundamental da revolta protestante, era recuperar as terras, bens imóveis e riquezas que há séculos estavam em poder da igreja católica. Apenas por esse motivo a causa de Lutero foi apoiada. Note que nesse conjunto de circunstâncias religiosas, o espiritual sempre foi o menos importante. O materialismo do deísmo em questão prevalece sobre todos os aspectos.

A insurgência de Lutero tinha lá seus ideais religiosos, e contou com a participação da imprensa na época, que o ajudou a divulgar seus escritos e “suas 95 Teses”. Em 1520 ele foi condenado, mas com o apoio de um Príncipe, refugiou-se no castelo de Wartburg na Alemanha, onde traduziu somente o “Novo Testamento” da bíblia, do grego para o alemão. Provavelmente quando leu a devastadora violência contida no velho testamento, viu que não valia à pena traduzir. Dos sacramentos católicos, Lutero só conservou: o batismo e a eucaristia, (um tipo de sacramento da doutrina cristã, cujo corpo, o sangue, a alma e a divindade de Cristo, estão presentes sob as espécies representativas do pão e vinho. E foi durante sua ausência no exílio, em 1524, que a reforma protestante pegou fogo. Quando ele se deu conta, muitas igrejas católicas já haviam sido queimadas e milhares de católicos também já haviam sido tragados pelo fogo ou pela espada. Depois disso, surgiu uma série de revoltas, causando milhares de mortes, que só cessou em 1536. Observe que as religiões vendem o produto do “homem de boa vontade”, mas a conquista religiosa nunca foi pelas vias espirituais, sempre aconteceram pelos motivos materiais, pela violência e extermínio do “crente oponente”.

Segundo Lutero, as idéias básicas da “Reforma Protestante” eram: a justificação pela fé, o sacerdócio universal, e a infalibilidade baseada na bíblia. Ele tinha obstinação em acabar com o mito da salvação que a igreja católica tinha sobre as pessoas. A utopia luterana da salvação pregava que a alma do homem seria salva unicamente pela fé na “bondade de Deus”. Com isso ficou claro que Lutero também leu pouco a bíblia. E não fazia idéia da capacidade coercitiva e exterminadora do Deus todo poderoso, para introduzir seus ideais fundamentalistas. Note que Deus para obrigar a uma fidelidade exclusiva ao seu culto, condenou todo povo de Israel à carnificina e escravagismo durante 70 anos, pelas mãos de Nabucodonosor, (2REI:25-8).

Depois apareceram outros insurgentes seguidores de Lutero como: Thomas Müntzer (pastor), ultrapassou os ideais do seu mestre, e passou a se orientar pela voz do espírito santo, que dizia falar dentro dele. Dizia que o fim do mundo estava próximo e fazia pregações com um viés comunista. Lutava contra os senhores e Príncipes, em favor dos camponeses e dizia que “todos os bens deveriam ser divididos entre todos” e reivindicava a reforma agrária, a abolição dos trabalhadores servil, as benesses dos privilégios, e o fim dos impostos. Mas acabou capturado, torturado e decapitado em praça pública. Outro seguidor da dinastia, o francês João Calvino, foi expulso da França por causa das suas idéias. O calvinismo defendia a idéia, que a “Salvação é alcançada apenas pelos eleitos por Deus” e que a prosperidade era considerada, um dos sinais dessa predestinação. Também valorizava o trabalho e a poupança. E defendia a “submissão do Estado à igreja”. Diferente de Lutero, que pregava a “subordinação da igreja ao Estado”. Tal qual pregava a igreja católica, da qual ele fazia parte e conhecia muito bem as benesses e facilidades que isso poderia proporcionar para sua causa. A grande ironia no episódio da revolta luterana é que um frei franciscano foi o inventor do protestantismo, um fato ainda desconhecido pela maioria dos evangélicos.

Por volta de 1534, aconteceu a reforma anglicana, um movimento mais político que religioso. O Rei Henrique

VIII teve o pedido de anulação do seu casamento rejeitado pelo Papa, e se utilizou desse pretexto para romper com a igreja romana. E se intitulou chefe espiritual da igreja. Mas o objetivo mesmo, era fazer o que os outros países da Europa já haviam feito, se apropriar das terras e riquezas da igreja na Inglaterra. Note que nessa dobradinha, igreja e política, a questão da fé em Deus é um atributo de nenhuma importância. Os líderes que manobram as massas, sabem muito bem disso, e envolvem a credence fanática com liturgias, cantorias, falsas esperanças de salvação e perdão, para manter o apoio popular, e ter sob total controle a manipulação dos interesses das massas, que ainda pagam por isso.

A revolução protestante tirou praticamente a maioria dos países da Europa das garras da igreja católica romana. E hoje a maioria é protestante. Por esse motivo a igreja católica apostólica romana, teve que repensar sua teologia arrogante e hoje faz foco em países subdesenvolvidos, em uma tentativa de recuperar tudo o que perdeu. Obviamente ficou claro que o envolvimento "divino" para apoiar o papa e a igreja, não apareceu, nem para o católico ou para o protestante. Mas a máquina religiosa da exploração da fé ainda continua com a esperteza de serem "os representantes de Deus na Terra" aplicando o velho fiasco do fim do mundo, da salvação e do perdão. Cada um desses insurgentes inventou seu ideal de salvação, o clichê que seria massivamente propagado nos cultos e missas. Mas observe que essa coisa da salvação não teve nenhuma participação divina como eles vendem nas igrejas. O Deus em questão, não estava nem aí, para a carnificina que foi desencadeada no decorrer da história para a criação das novas religiões. Cada um inventou sua igreja, usando o mesmo dogma, e praticamente as mesmas metáforas da salvação. E uma nova filosofia solércia, pronta para coletar dos crentes o dízimo em nome da ira do Senhor. E os pobres devotos na sua santa ignorância, passam a vida toda acreditando nesse fiasco ilusório, criado por pessoas comuns, que se digladiaram por interesses em causa própria, na conquista dos seus ideais, às custas de muito sangue, com base na "**lei das probabilidades**" do "se cola colou". Que funciona assim, "se você obteve o sucesso foi Deus, se não, é porque não mereceu". Diante de todas as questões prementes, devemos salientar que a bíblia é um livro propagador dos tenebrosos crimes cometidos pelo Deus todo poderoso contra a humanidade e os interesses mercantilistas dos religiosos, passam para os devotos, que toda essa carnificina deflagrada por Ele é uma dívida da santificação. Toda essa paranóia oportunista deixa claro para o leitor, que na bíblia, o Deus do céu, é uma fúria sanguinária e o maior predador humano contado na literatura. Por outro lado, nas igrejas, oportunistamente Ele é vendido para a ingenuidade crente, como um Deus bonzinho e misericordioso.

GÊNESIS...

E Deus um ser celestial corporizado na versão antropomórfica, caracterizando uma aparência humana, criou o homem a sua imagem, (GEN:1-27), era o sexto dia e já tinha feito quase tudo, céu, mar, firmamento. No sétimo dia descansou do seu trabalho como criador. Essa é a história ingênua da criação do Céu e da Terra, em que o Deus todo poderoso, senhor do universo, supostamente o criador de seis bilhões de galáxias, cada uma delas com 30 bilhões de planetas, e tecnicamente, o detonador do botão do Big-Ben, escolheu o planeta Terra, entre os quatrilhões da sua própria criação, para ensaiar seus experimentos humanos. E após exaustivo trabalho, descansou no sétimo dia.

Uma história incrível, repleta de contrastes, e em alguns momentos visíveis, a uma mentalidade rudimentar, e geograficamente pequena diante da universalidade de conhecimentos disponíveis ao voraz intelecto dos seres humanos dos dias de hoje. Por exemplo: A terra é o lar de milhões de espécies de seres vivos, incluindo os humanos, é o único corpo celeste onde é conhecida a existência da vida, único planeta do cosmo capaz de gerar e sustentar a vida. O planeta formou-se há 4,54 bilhões de anos, e a vida surgiu na sua superfície um bilhão de anos depois. Desde então, a biosfera terrestre alterou significativamente a atmosfera e outros fatores abióticos do planeta, quando floresceu a proliferação de organismos aeróbicos, bem como a formação de uma camada de ozônio que bloqueava a radiação solar, permitindo a vida no planeta. Na época, a Terra era uma bola de neve incluindo todos os oceanos, e vivenciou várias eras glaciais.

Um fenômeno conhecido como "Pangeia" ocorrido há 200 milhões de anos, certificava que todos os continentes eram completamente unificados e banhados por um único oceano o "Pantalassa". Depois passamos para o período cretáceo entre 145 e 65 milhões de anos atrás. Em seguida surgiu à era "Mesozóica" 65 milhões de anos atrás, propiciando o período jurássico, o clima úmido e quente que culminou na proliferação das florestas gerando a diversidade das plantas, favorecendo o surgimento da "Fauna", como os Répteis e Dinossauros na Terra, os Pterossauros no ar, e os Plesossauros no mar. Esses intentos coincidem com as afirmativas de Charles Darwin, (1819-1882), naturalista britânico, estudante de medicina e teologia, que estremeceu o mundo diante das comunidades científicas com a sua proposição evolucionista, através da seleção natural e sexual, que hoje desmitifica diversos fenômenos na biologia, através do estudo da diversificação das espécies. Uma explicação científica dominante para

a diversidade de espécies na natureza.

Logo concluímos que o Deus onipotente, jamais poderia ter criado o mundo ou mesmo o planeta Terra em sete dias, como ingenuamente na mais soberba infantilidade narram os escritores bíblicos. Parece que estamos citando o contexto de uma amarga desilusão, como uma tempestade de informações conflituosas para um profundo realismo. A narrativa hebraica expõe o criacionismo a uma fantasia minúscula, limitada a uma divindade cósmica, com poderes sobrenaturais, perfilando um Deus prodigioso, que cansou como um trabalhador braçal ao concluir a obra extraordinária do planeta Terra em sete dias. Sublinhando que naquela época, eles acreditavam que a Terra tinha a aparência oval, e quem navegasse além dos limites estabelecidos, seriam engolidos pelos horizontes.

Durante muitos séculos a igreja manipulou e atrapalhou o desenvolvimento científico e a evolução da humanidade. Por exemplo, a igreja pregava o geocentrismo, que empiricamente colocava a Terra no centro do universo e outros astros giravam ao seu redor inclusive o Sol. Mas no século XVI, o tema ganhou notoriedade discordante, polemizando entre o arcaico pensamento dogmático e ditatorial da igreja, e o pensamento científico. Porque o heliocentrismo é a teoria em que o Sol está estacionário no centro do universo, do sistema solar, e os outros astros se movem ao seu redor inclusive a Terra. Historicamente, a verdade, é que esta descoberta astronômica modificaria a maneira de pensar da raça humana, e em 1632, Galileu publicou o Diálogo dos grandes sistemas, e em 1633 foi declarado suspeito de heresia. No seu julgamento ao sair do tribunal após sua condenação, disse uma frase célebre: "Eppur si muove!", ou seja, "contudo, ela se move", referindo-se a Terra. Galileu foi condenado à pena de prisão ao confinamento. Três séculos depois da sua condenação, a igreja inicia a revisão do seu processo que decide pela sua absolvição em 1983. Mas o matemático italiano Giordano Bruno 1548 -1600 foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição romana por heresia, ao defender idéias semelhantes às de Galileu Galilei.

Então em (GEN:2-7), Deus modelou o homem com argila do solo, (boneco de barro) soprou-lhe nas narinas um sopro da vida, e o homem tornou-se um ser vivente. Mas o embate maior da humanidade aconteceu, quando o homem foi colocado no jardim de Éden, onde ele poderia comer de tudo, menos da árvore do conhecimento do bem e do mal, estereotipado como o fruto da maçã e Deus disse... (GEN:2-17) *"porque no dia em que comer morrerá"*. E Deus tirou uma costela de Adão e fez a mulher. Então no primeiro bigbrother da humanidade, surge a cobra falante, para instigar Eva de forma sorradeira, a comer do fruto proibido. Deus, indignado com esta ingênua transgressão, por Eva ter comido o fruto proibido, disse para ela... (GEN:3-16) *"vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez entre dores, você dará a luz a seus filhos, a paixão vai arrastar você para o marido e ele a dominará"* Então Deus expulsou o homem do jardim de Éden, para que a partir daí, vivesse por conta própria.

Parece que o Deus do céu exagerou um pouco, como ser divino e onisciente, já deveria saber antecipadamente, que um fruto proibido para seres imaturos, seria um atrativo irresistível. Esta atitude equivale a um pai colocar uma caixa de chocolate na mesa e dizer para os filhos, "vocês podem comer de tudo, menos este chocolate". Logo, não precisaríamos ser oniscientes, para saber que os chocolates seriam comidos pelas crianças. Obviamente ninguém mais considera esse episódio como um ensinamento bíblico, até o papa Francisco já declarou em público, que a história de Adão e Eva, assim como o inferno é apenas uma metáfora. Embora essa declaração seja um pouco tardia. A frase sombria e infeliz que Deus rogou contra a mulher, foi assimilada ao pé da letra pelos hebreus e pela parte da humanidade que se orienta pela bíblia. Em vários cantos do planeta até os dias de hoje, a mulher é tratada como um ser inferior da mais baixa categoria, desprovida dos direitos de igualdade e liberdade. No Oriente Médio em alguns países, as mulheres são sacrificadas, mutiladas e assassinadas sem que o homem precise sequer prestar depoimentos ou enfrentar julgamentos. A ONU vem constantemente denunciando os abusos contra a fragilidade da mulher. O fato é que muitas mulheres muçulmanas que tem seus narizes, orelhas e lábios arrancados a alicate, jamais poderão mostrar seus rostos.

A bíblia sagrada, em si só, é uma metáfora versada com os piores maus exemplos moral que se tem notícia, seu conteúdo foi escrito com todas as letras, sem se preocupar se um dia seria entendido pelos seus leitores. Este fator, nunca foi preocupação para as igrejas, porque, desde o início a bíblia foi escrita em hebraico, anos mais tarde traduzida para o grego e depois o latim. Um artifício que deixava 99% dos seguidores leigos sem saber o verdadeiro conteúdo deste livro, inconsequente, e pernicioso, quanto ao futuro de gerações de pessoas, que foram criadas absorvendo os piores maus exemplos de suas existências, propositadamente, implantado em suas mentes como "escritura sagrada".

O maior best-seller do planeta, é comprado por pessoas, vítimas do processo de alienação subliminar de uma maioria leiga, nitidamente fanática, dosada em longos processos de abdução do seu intelecto, instigadas a excluir de suas existências: Jornais, revistas, livros, TV, todo e qualquer processo de comunicação que possa desviar sua atenção do tratamento de choque massificado, para a uma subcultura controlada. Processo usado sistematicamente pelas igrejas, e principalmente a igreja católica, no longo de sua implementação. Em toda a bíblia a mulher tem sido objeto de torturas e humilhações com a cumplicidade divina, mas esse caso especificamente, chama atenção pelo seu requinte de crueldade, descrita em um livro teoricamente sagrado, que ironicamente fala de justiça e bondade. Veja com seus próprios olhos, até aonde vai a perversidade do Senhor Deus altíssimo... (NUM:5-11) *O Senhor disse a Moisés: "Dize aos israelitas o seguinte: Se uma mulher desviar-se de seu marido e lhe for infiel, dormindo com outro homem, e isso se passar às ocultas de seu marido, se essa mulher se tiver manchado em segredo, de modo que não haja testemunhas contra ela, e ela não tenha sido surpreendida em flagrante delito; se o marido, tomado de um espírito de ciúmes, se abrasar de ciúmes por causa de sua mulher que se manchou, ou se ele for tomado de um espírito de ciúmes contra sua mulher que não se tiver manchado, esse homem conduzirá sua mulher à presença do sacerdote e fará por ela a sua oferta: um décimo de efá de*

farinha de cevada; não derramará óleo sobre a oferta nem porá sobre ela incenso, porque é uma oblação de ciúme feita em recordação de uma iniquidade. O sacerdote mandará a mulher aproximar-se do altar e a fará estar de pé diante do Senhor. Tomará água santa num vaso de barro e, pegando um pouco de pó do pavimento do tabernáculo, o lançará na água.

E estas águas, que trazem maldição, penetrem em tuas entranhas para te fazer inchar o teu ventre e emagrecer os flancos! Ao que a mulher responderá: Amém! Amém! Depois que ela as tiver bebido, se estiver de fato manchada, tendo sido infiel ao seu marido, as águas que trazem maldição trar-lhe-ão sua amargura: **seu ventre inchará, seus flancos emagrecerão, e essa mulher será uma maldição no meio de seu povo.** Mas, se ela não se tiver manchado, e for pura, ela será preservada e terá filhos. Observe que o homem só precisa apenas manifestar o ciúme, para expor a mulher a esse barbarismo insano. Essa tortura desumana e humilhante contra a mulher é conhecida como "ordália ou ordálio" na bíblia, prescreve que uma mulher suspeita de adultério deve engolir a "água amarga que traz consigo a maldição" pelo sacerdote, que determina a sua culpa. A acusada seria condenada apenas se seu ventre inchar e sua coxa apodrecer. Artifício conhecido como o Sotá. 141017

O Julgamento por ordália era uma prática judicial, pelo qual a culpa ou a inocência da acusada a submetia a uma experiência tortuosa, classicamente, é um teste de vida ou morte, a prova de inocência e sobrevivência. Na Europa medieval, o julgamento por ordália (judicium Dei em latim) era um procedimento baseado na proposta de que Deus iria ajudar os inocentes, realizando um milagre em seu nome. Essa coisa perniciosa inventada por Deus, foi proibida pelo Papa Inocêncio III, no IV Concílio de Latrão de 1215, e substituído por outro tipo de julgamento denominado de "compurgation", (um misto de juramento e testemunho) mais tarde, substituído pela inquisição. E muitas vezes substituído por confissões extraídas sob tortura.

O julgamento divino pela ordália, só foi interrompido no século XVI. Entre os elementos de tortura da igreja, tinha também a "provação de fogo". Era necessário que o acusado caminhasse sobre as brasas. A inocência seria concedida se não houvesse ferimentos, mas normalmente as feridas eram enfaixadas e reexaminadas três dias depois por um padre, que se pronunciava dizendo que Deus interveio para curá-lo, ou que estava apenas inflamada, caso em que o suspeito seria exilado ou executado.

Outra forma de ordália, a mítica das angustias, exigia que a acusada removesse uma pedra, de uma panela com água fervente em ebulição, óleo ou chumbo. A avaliação da lesão, e as consequências de um milagre ou a falta dele, também passavam pelo mesmo processo de avaliação semelhante acima descrito. O padre exigia que o suspeito deveria colocar a mão na água fervente. Se depois de três dias, Deus não curasse suas feridas, era considerado culpado do crime.

De acordo com Adam Clarke, a ordália, foi praticada em diversas partes do mundo, tinha como origem possivelmente as águas da amargura. A origem da palavra ordália no latim ordalium, significava um tipo de julgamento, sem interferência das pessoas, sendo feita uma justiça absoluta, ou seja, uma prerrogativa de Deus. Observe que a recomendação divina envolve tortura e dor, como em seus pedidos de oferendas com sacrifício animal, e a obrigação para circuncidar as crianças do sexo masculino, com apenas oito dias de nascido. Então o que temos que questionar é, em que momento o Deus em evidência, com perfil de carrasco, narrado pelas escrituras, se encaixa em um processo de benignidade? O que isso poderia trazer de louvável para a religiosidade do devoto, que busca amor e esperança? Em que momento os devotos vão encontrar no Deus do céu, o amor declarado pelas igrejas, além das ameaças de morte e desgraça pela sua fiel obediência, sempre traduzindo uma postura primitiva e ação estupidamente delinquente.

Diante de tudo isso, fica claro que a crença desse deísmo já no séculos XIII, na versão medieval, caminhava lado a lado com o suplício e a perseguição, propagada pela tirania da igreja, cujos os inquisidores eram os padres, monges e frades. Criminosos vorazes, ávidos pelo prazer da tortura, sobre os chamados hereges, que passavam pelos os piores momentos de dor e sofrimento, sob a égide sanguinária do inferno católico, em nome de Deus e de Jesus.

Agora veja mais um dos péssimos exemplos citados na bíblia, dos muitos que ainda serão objeto de análise neste livro. (GEN:4-1) o homem se uniu a Eva sua mulher, e teve dois filhos, Caim e Abel. A bíblia cita este caso, furtivamente, como um rompimento da fraternidade. No decorrer dos fatos por despeita, Caim matou o irmão Abel. E Deus onisciente e onipresente na forma humana, perguntou a Caim, o que ele tinha feito com Abel, e Caim disse, "não sei" Deus disse... "Ouço o sangue do seu irmão clamando por mim e por causa disso, você estará errante e perdido pelo mundo". Caim diz, já assumindo a culpa pelo assassinato do irmão... (GEN:4-13) "se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti, andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará" Agora, veja o que aconteceu! Ao invés de Caim ir para o inferno, como pregam as igrejas para seus fiéis. Deus lhe respondeu "quem matar Caim, será vingado sete vezes", e Deus colocou um sinal de proteção sobre Caim. Vamos então analisar a ocorrência. Caim era um assassino confesso, e ao invés de ser punido conforme as leis da divina providência ditadas pelo próprio Deus, Caim é contemplado com uma proteção especial. Veja se isso constitui um exemplo moral a ser usado em processos de catequização para a construção espiritual. A Igreja ensina que após a morte, as almas serão julgadas pelo Senhor, e vão para o lugar que lhes é indicado para gozarem das alegrias dos eleitos ou sofrerem as penas do Inferno. Neste caso, o Deus do Céu voltou atrás em Suas regras condenatórias e Caim se deu bem. Foi contemplado com a impunidade.

Ora, se Deus expulsou do paraíso Eva a mãe de Caim, pelo motivo banal e fútil por ter comido uma fruta, desejando a ela os piores infortúnios que se pode desejar a uma mulher. E em seguida acata o assassino do próprio

irmão, então definitivamente estamos diante de uma ruptura teológica divinizada, que na forma trivial, matar seria um pecado mortal, segundo o catecismo, porque atenta gravemente contra o amor de Deus, desviando o ser humano de sua finalidade última da bem-aventurança. E com isso sua alma seria condenada a morte eterna no inferno, o privando da graça santificante. Observe que estamos vendo aqui, dois pesos e duas medidas, na dogmática lei de Deus sobre esse assunto. Caim réu confesso do assassinato do próprio irmão passou a ser protegido de Deus com uma marquinha na testa. Por outro lado a igreja diz que este pecado mortal, atenta gravemente contra o amor de Deus. O que não deixa de ser irônico, porque foi o próprio Deus que promulgou o pecado **“NÃO MATARÁS”**, Ele mesmo na sua santidade confusa, banalizou o ato pecaminoso. E daqui para frente, veremos com frequência, que o que Ele mais faz na bíblia, é matar e exterminar gente indiscriminadamente. Diante desse contexto dúbio, temos que refletir sobre a integridade moral do Deus todo poderoso, e repensar o que poderia ser enquadrado, como segundo os seus conceitos éticos.

É importante lembrar, que os exemplos citados, são explicações “na íntegra” segundo os textos da PRÓPRIA BÍBLIA, referenciados com os mesmos números que codificam e identificam onde o texto narrado pode ser localizado na sua bíblia. É visível que algumas bíblias, são ajustadas textualmente para a conveniência das instituições religiosas. Muitos versículos são elaborados na prolixidade das palavras para dificultar o bom entendimento do versículo que muitas vezes esconde fenômenos terroristas, para o leigo não perceber o verdadeiro sentido da oração. Em algumas bíblias para camuflar, a palavra SAQUEAR, é usada uma palavra pouco usual como: PILHAR ou DESPOJO, que no dicionário significa (SAQUEAR, ROUBAR), e a palavra (FERIR), ao invés de MATAR.

O questionamento maior reflete o fato de ser usado como contos violentos na forma literal, com o intuito de aterrorizar os devotos, para obter a crença, não pelo ato democrático da aceitação religiosa espontânea, mas pelo ato do terror. Veja isso!... (GEN:6-5) *Deus viu que a maldade do homem crescia na Terra e que todo projeto do coração humano era sempre mau. Então Deus se arrependeu de ter feito o homem sobre a Terra, e seu coração ficou magoado. E Deus disse “vou exterminar da face da Terra, os homens que criei, juntamente também os animais, reptéis e as aves do céu, porque me arrependo de os ter feito”.*

O que veremos agora, pela ótica dos exegetas hebraicos, é um Deus louco, com um motivo torpe, banalizando a existência da raça humana, cometendo o maior e mais desnecessário genocídio da face da Terra, que se tem notícia. Um extermínio em massa, de homens, mulheres e crianças. Todos foram impiedosamente afogados, inclusive os animais, a fauna e a flora, que não tinham nada a ver com a atitude humana reclamada pelo Deus onipotente. O mais intrigante, nessa aberração genocida é como a humanidade catequizada com base nos fundamentos bíblicos, compreende essa atitude desprezível do Deus do céu, como um ato da mais perfeita normalidade. Para entender esse fenômeno de completa aceitação dos cristãos fanáticos, só existe uma explicação. Ou nunca leu a bíblia, ou se leu não a entendeu.

Veja o que Ele disse!... (GEN:6-13) *Deus disse a Noé “para mim chegou o fim para todos os homens, porque a Terra está cheia de violência, por causa deles. Vou destruí-los juntos com a Terra. Vou mandar um dilúvio sobre a Terra para exterminar todo ser vivo que respira debaixo do céu: Tudo o que há na Terra vai perecer”.*

Mas para amenizar a insegurança da humanidade diante do Deus de Moisés, esse evento bíblico provavelmente pode ter sido inspirado na epopéia da fábula de Gilgamesh. Um rei da Suméria, da Idade do Bronze, o quinto rei da primeira dinastia de Uruk, 2750 a.C. um épico mesopotâmico que descreve o dilúvio em acádio, que acabou com toda a humanidade. Um fato épico ocorrido muito antes das narrativas bíblicas que surgiram por volta de 400 e 1500 anos a.C.

Esse mesmo Deus incoerente, causador de atitudes genocidas, anos mais tarde envia para Moisés os “Mandamentos” da Sua lei, onde ironicamente entre as leis citadas, figura, **“NÃO MATARÁS”**. Algo que parece desprezível, para alguém como Ele, que segundo as escrituras, extermina seres humanos sem medida, em quase todos os livros da bíblia.

Segundo Freud (Porque Freud rejeitou Deus?) p.87 *“Deus não é mais que uma criação infantil derivada de uma visão enaltecida do pai, e nenhum adulto maduro deveria dar confiança a essa invenção”*. O teísmo é a síndrome incontestável do fanatismo religioso, quando entra em cena a figura hipotética do Deus todo poderoso, como uma ilusão da própria carência religiosa. Para a credence insana do indivíduo, não importa de onde vem essa divindade, o ser humano, “quer acreditar, precisa acreditar”. Antes da invenção do deísmo de Moisés, durante milhões de anos, os deuses eram outros. Os devotos daquela época se referiam no plural “aos Deuses” da mitologia grega que relacionava uma infinidade de deuses. O Livro “Mitologia História de Deuses e Heróis” de Thomas Bulfinch faz uma narrativa poética de vários deuses do politeísmo antropomórfico da mitologia grega, todos, com aparência humana, tanto o masculino quanto o feminino, ressaltando Apolo, Iris, Venus, Minerva, Prometeu, Júpiter e mais uma infinidade de deuses para todas as finalidades: o Fogo; a água; as árvores; os animais; as montanhas; a beleza; o sonho. Um deus específico para cada necessidade do indivíduo. Antes do “deus do céu” dos judeus, Júpiter também era chamado pelos romanos de “deus do céu” Ele era assimilado ao deus grego (Zeus). Júpiter venceu os Titãs e derrubou seu pai Saturno. Presenteou Netuno com o mar, Plutão com o inferno e guardou para si, o Céu e a Terra. Para os romanos, Júpiter era o (deus do céu, da luz do dia e do tempo, e que fazia o raio do trovão). Reinava no capitólio, templo consagrado a ele como o (deus dos deuses). Sua esposa era Juno, filha de Saturno, deusa do casamento. Sua deidade era correspondente a deusa grega (Hera). Os poetas a declamava como ciumenta, orgulhosa e vingativa. Todas essas coincidências mostram que o Deus retardatário dos judeus, séculos mais tarde também foi adotado pelo cristianismo. Quando a partir daí, iniciou a perseguição pagã, por uma disputa territorial religiosa sem precedentes, e exterminava fulminantemente, todos aqueles, que abjurasse sua crença em favor dos

deuses gregos e romanos de uma cultura milenar. Desde os primórdios desse novo deísmo até hoje, as religiões seguidoras da ideologia do novo Deus onipotente, matava gente indiscriminadamente para afirmar sua presença religiosa na forma mais dominante, e ditatorial. Como está acontecendo hoje em vários países da África, repetindo as mesmas conquistas sanguinárias de Moisés e Josué, com a ajuda de Deus. Em pleno século XXI, grupos terroristas promovem ataques jihadistas e matam em nome de Deus, como por exemplo, Estado Islâmico; Talibã; A Irmandade Muçulmana; Boko Haram, entre outros radicais, influenciados por esse deísmo primitivo.

No século I, a igreja romana descobriu o grande negócio da religião, e taxou os adoradores dos antigos deuses de pagãos. Paganus (do latim) referencia que começou a ser utilizada entre os cristãos no Império Romano, para se referir a uma pessoa que não era um cristão e que ainda acreditava nos antigos deuses romanos. Os pagani geralmente eram adeptos da "velha religião", adoradores dos deuses: Júpiter e Apolo, em vez do Deus de Moisés, que fulminava qualquer um que não confessasse ser adorador exclusivo do seu deísmo. Conhecemos aqui na forma literal, as primeiras repressões contra a liberdade de expressão religiosa e a brutal opressão aos direitos humanos, pelo motivo religioso. Não obstante, podemos observar como a religião foi inserida no cérebro humano durante gerações, pela força bruta ordenada pela Lei de um novo Deus, usando o radical autoritarismo fundamentalista. Quando então poderemos concluir, como mais de quatro bilhões de pessoas tornaram-se seguidoras do deísmo de Moisés e do cristianismo.

Ter uma religião tem seu preço. Hoje todos dizem "Graças a deus", "Jesus te ama", ou "Deus lhe pague", "Entrego a Deus", "Deus é fiel", "Deus lhe pague". Pense bem nisso! Questione os pilares desta suposta benevolência, construída a custo de muito sangue, vingança e terror. Se a ideologia para o bem da humanidade seria o amor e o perdão, como explicar o barbarismo religioso para introduzir o dogma da religião pela força brutal sob pena de morte. Historicamente ao longo dos séculos o terrorismo psicológico e sanguinário, evocava santidade e fidelidade em nome do Bem, contra milhões de pessoas inocentes, que perderam suas vidas, apenas para o negócio da religião prosperar, desconhecendo as chacinas religiosas, exaltadas na bíblia, protagonizadas pelo Deus onipotente em pessoa. E surge então, um questionamento. Diante da repercussão histórica desse deísmo lavado de sangue, como podemos unir amor e ódio para uma causa nobre.

Leia a bíblia questionando os verdadeiros valores morais concernentes aos seres humanos, faça isso no seu pleno raciocínio. Prefira isso, a ser simplesmente uma metamorfose alienada, ausente das melhores participações da vida no contexto da humanidade. Para todos os terrores bíblicos não existe complacência. O código sagrado exemplifica friamente, barbáries sanguinárias e extermínio humano, na mais execrável literatura, como um mau exemplo, ensinado como catequese religiosa. E sem nenhuma consternação, citam da primeira a última página, extermínios em massa, covardia, repressão, abuso de poder, escravagismo, preconceito, racismo, xenofobismo, entre outras imoralidades contra os humanos, sendo o protagonista principal o Deus todo poderoso.

A violência aparece repetidas vezes narradas neste livro. E o que deveria ser a simbologia do exemplo da moral, e da esperança, ao invés disso, resume-se em contos violentos e abusivos, intuídos para impressionar e alienar a ignorância fanática. Então qual a referência que os humanos podem ter, se a própria bíblia relata sem nenhuma desfaçatez, descrevendo o próprio Deus como um grande terrorista. Fato visível e escrito com todas as letras, sem palavra obscuras, enaltecendo atos inglórios para um Deus severo, cujas mensagens dos líderes religiosos o divulgam como um ser benevolente e fraterno. Então eu pergunto, como um extermínio massificado do dilúvio, pode definir a fraternidade ou a benignidade de um Deus com esse perfil?

Veremos agora outro mau exemplo da bíblia envolvendo o personagem Abraão teoricamente um ícone de referência da bíblia, embora os arqueólogos não tenham encontrado nenhuma evidência significativa da sua existência, analisaremos o episódio como uma fábula, conforme está na bíblia. Abraão resolveu ir morar no Egito, e ao chegar lá... (GEN:12-10) *pediu a sua mulher Sarai dizendo "Olhe! Eu sei que você é uma mulher muito bonita. Quando os egípcios virem você, vão dizer: É a mulher dele. E me matarão, deixando você viva. Diga, por favor, que você é minha irmã, para que eles me tratem bem por sua causa. E assim graças a você. Eles me deixarão vivo"* Sarai foi levada ao palácio do Faraó, este por causa de Sarai tratou bem Abraão, que recebeu de presente: ovelhas, bois, jumentos, escravos, servos e camelos. Agora observe a atitude de Deus... (GEN:12-17) *Ele feriu o Faraó e sua corte com grandes doenças por causa de Sarai, então o Faraó chamou Abraão e perguntou, porque não me disse que ela era sua irmã? Eu a tomei como esposa. Se ela é sua mulher tome-a e vá embora. Veja que Abraão em ato espúrio de visível covardia mentiu para o Faraó. E sem que houvesse qualquer dialogo, Deus imediatamente desferiu contra o Faraó e toda sua corte, graves doenças sem conhecer o verdadeiro conteúdo da história. Obvio que Ele como Deus onisciente deveria saber de tudo antecipadamente como diz a igreja para seus fiéis. Mas novamente parece que sua onisciência falhou.*

Em outro episódio, uma oferenda que lembra um macabro despacho de magia negra (macumba). Deus disse a Abraão... (GEN:15-7) *"eu sou Deus, que fez você sair de UR dos caldeus, para lhe dar esta área como herança"* Abraão respondeu, *"senhor Deus como vou saber que irei possuí-la"*. Deus disse *"Traga-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola, e uma pombinha"* Abraão levou a Deus todos esses animais, partiu no meio e colocou cada metade na frente da outra; mas não partiu as aves. As aves de rapinas (urubus) desciam sobre os cadáveres, Abraão as enxotava. Me pergunto, porque um Deus com todos os mágicos poderes, segundo a bíblia, criador do Céu e da Terra,

necessitaria saciar seus desejos com sacrifício e sofrimento animal, promovendo atos de bruxaria nos moldes satânicos. Seria um pacto demoníaco? Não lhe parece estranho, que o Deus bíblico que você deve amar e respeitar, seja um Deus de atitudes vil e repulsiva.

Como isso deve ser explicado á seu filho na aula de catecismo? Infelizmente o Deus que estamos lendo na bíblia é a personificação da decepção divina. Poderíamos esperar tudo, menos um Deus macabro, no mais baixo nível de atitude, em um papel ridículo, completamente inadmissível para uma criatura proclamada pelos líderes religiosos, como aquele que está cima do bem e do mal. Diante de todas essas decepções que tenho lido na bíblia, não consigo conceber nenhuma singularidade para essa divindade. Creio que estas atitudes, serviriam muito bem para inspirar mentes maquiavélicas e perversas, para os atos de violência que se praticam mundo afora em nome da religião.

Seria possível acreditar, que a moralidade tenha suas origens na religião, após observar tais crueldades. Marilena Chui em seu livro Convite a Filosofia, diz: *“Além disso, Deus criou todas as coisas do nada, tudo o que existe é portanto obra de Deus. Se o mal existe seria obra de Deus? Porém, Deus sendo o próprio bem, poderia criar o mal? Como o perfeito criaria o imperfeito? Qual é, pois a origem do mal”*. Eis a questão.

No decorrer da existência desse planeta, este Deus, com visíveis características de potencial genocida e praticante de magia negra, influenciou boa parte da humanidade, especificamente na região da Europa e Oriente Médio, onde coincidentemente existem os maiores conflitos religiosos pelos mais variados motivos que a mente humana possa suportar. Especificamente quando o assunto é religião, observando o comportamento psicótico de Deus, não é de se admirar, que a religião tenha matado mais gente no planeta, que mesmo os conflitos políticos através das guerras.

Conheceremos com detalhe, os termos da famosa aliança que Deus fez com Abraão... (GEN:17-10) *A aliança que faço com você é a seguinte: "Circuncidem a carne do prepúcio. Este será o sinal da aliança entre mim e vocês. Quando completarem oito dias, todos os meninos de cada geração serão circuncidados; também os escravos nascidos em casa ou comprados de estrangeiros, que não sejam da raça de vocês. Circuncidem os escravos nascidos em casa ou comprados. Minha aliança estará marcada na carne de vocês como aliança perpétua. Todo homem não circuncidado, cujo prepúcio não for circuncidado, será afastado do povo de você, por ter violado a minha aliança"*. Imagine um tipo de aliança, em um tempo remoto quando não existia assepsia, e crianças "meninos" com oito dias de nascidos sendo mutilados em um pedaço da ponta do prepúcio do seu pênis. Quantas crianças morreram neste ato de violência, motivado por infecção, por total falta de assepsia ou sangramento por hemorragia, qual a importância que essa atitude violenta contra as crianças poderia representar para o acordo de uma aliança, a não ser a dor física e psicológica dos recém-nascidos.

A Internet está repleta de discussões questionando a circuncisão. Muitos manifestam a opinião de que a circuncisão (Brit Milá) é um procedimento cruel e bárbaro, que pode traumatizar o bebê, com grande risco de infecção e em longo prazo, afeta psicologicamente e diminui a excitação sexual. Por questões religiosas a circuncisão é feita em recém-nascidos geralmente nos primeiros sete dias sem nenhum anestésico. Tudo isso parece muito bárbaro. Então como explicar para alguém normal, por que cortar uma parte muito sensível e saudável da anatomia de um bebê recém nascido. Em San Francisco nos Estados Unidos, um grupo se manifestou contra a circuncisão masculina e coletou assinaturas suficientes para colocar a questão em uma eleição presidencial. Os infratores estariam sujeitos a um ano de prisão e uma multa de mil dólares. Na Europa, grupos voltados para os "direitos humanos" montaram uma campanha de oposição a circuncisão, comparando-a com a mutilação brutal das mulheres africanas.

Grupos de direitos humanos estão tentando fazer da circuncisão um ato ilegal de abuso sexual infantil. Esse ato de barbarismo exigido por Deus é repudiado no mundo inteiro. No cristianismo essa mutilação contra as crianças não foi adotada. Paulo tratou logo de corrigir, não porque estivesse fazendo um ato de bondade, mas porque essa perversidade afastava a possibilidade de conquistar novos seguidores para o cristianismo. Apesar do esforço de Paulo para interromper essa maldade conta as crianças, a circuncisão ainda é uma prática religiosa, como veremos mais adiante com mais detalhes. Mas segundo a lei de Deus, são todos infratores por ter violado a Sua divina aliança.

Esta atitude somente atesta incisivamente a qualificação psicopata do Deus todo poderoso, que parece sentir o mórbido prazer na dor e no sacrifício, como se este ato doloroso fosse o seu néctar maligno. Mas apesar dessa péssima idéia, as religiões ensinam que devemos amá-lo sobre todas as coisas. Este ato doloroso e inconcebível vem sendo praticado até hoje por fanáticos religiosos em muitos países, o que constitui uma transgressão a individualidade infantil. Então porque os atos desta divindade são em sua maioria todos mutilantes, com dor e sacrifício? Como explicar, que há mais de 2000 anos essa tragédia imoral, vem sendo praticada na mais fiel obediência como um culto tradicional. Seria pelo pavor do julgamento que Deus poderia causar aos desobedientes? Onde Ele se encaixa de alguma forma para o bem da humanidade?

Prosseguimos com mais um ato de violência de genocídio e massacre desferido por Deus. Por motivos banais Ele destruiu completamente a vida no planeta Terra. Agora veremos a destruição de Sodoma e Gomorra... (GEN:18-23) *Abraão perguntou “Então destruirás o justo pelo injusto?”* (Até Abarão percebeu a excentricidade da insanidade perversa de Deus). *E Ele disse “O clamor contra Sodoma e Gomorra é muito grande e o pecado deles é muito grave” Vou descer para ver se, de fato, as ações deles correspondem ou não ao clamor que subiu até mim contra eles*. Esta declaração é o contra censo, da onisciência desta divindade, porque, se era Deus, então não precisaria descer para

ver nada. De onde estava, deveria saber tudo, já que se considerava onisciente. O fato é que existia na sua ânsia, uma necessidade cruel pela iniquidade e destruição. Os homens que Deus enviou para investigar as falácias sobre Sodoma e Gomorra, acreditem, se hospedaram na casa de Ló... (GEN:19-1) *Por tantas da noite, os homens de Sodoma e Gomorra, foram à casa de Ló, para matar os enviados de Deus. E Ló disse-lhes “Meus irmãos eu lhe peço: não faça o mal. Eu tenho duas filhas que ainda são virgens, eu as trarei para vocês. Façam com elas o que acharem melhor. Mas não façam nada a esses homens, porque eles estão hospedados em minha casa”.*

Observe que Ló, em um ato extremo de covardia, oferece as filhas para serem estupradas ou qualquer coisa que os agressores desejassem fazer com elas. Já nesses remotos tempos, nota-se que as mulheres não tinham nenhum valor sentimental ou moral. Imagine se Deus achar que a cidade que você mora precisa ser destruída, porque lá existe um clamor muito grande de pecado. Não importa para Ele, se lá tem gente boa ou ruim, todos vão morrer. As cidades de Sodoma e Gomorra estavam com os dias contados, uma ordem de extermínio já tinha partido do céu. No confronto, os mandantes de Deus, que estavam na casa de Ló, cegaram todos os agressores do menor ao maior. E disse... (GEN:19-13) *nós viemos destruir esse lugar, pois é grande o clamor que se ergue contra eles diante de Deus. E Deus nos enviou para exterminá-los.*

Ironicamente, na bíblia os executores de Deus são citados como anjos. Então ao nascer do sol, Ló já estava a salvo em outra cidade, e os anjos de Deus fez chover do céu, enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra, matando todos impiedosamente... (GEN:19-25) *destruiu as duas cidades e planícies com todos os habitantes e vegetação do solo.* O que se pode extrair desse episódio, é mais uma carnificina hedionda de uma divindade irascível, e paranóica. Os motivos para a destruição são banais e injustificáveis. Na ficção, tivemos Arnold Schwarzenegger como exterminador do futuro. Não vai parecer nenhuma ironia estereotipar o Deus onipotente, como exterminador do passado. No rodapé da bíblia, eles explicam esse fato criminoso dizendo: *“Sobressai aqui a Justiça de Deus que ouve o clamor dos oprimidos”.* Isso só não soa mais irônico por falta de espaço, porque, os verdadeiros oprimidos desse episódio covarde, foram às crianças, velhos, enfermos e todos aqueles que morreram injustamente, sem direito de defesa. Mais contundente ainda para a humanidade, é a maneira fugaz e banal que se explica a hediondez exterminadora e irresponsável do Deus todo poderoso. Ele destruiu barbaramente duas cidades, matando covardemente mulheres e crianças. E Isso é quase nada, para os padrões paranóicos do fanatismo religioso.

O fator catastrófico da hecatombe de Sodoma e Gomorra gerou um distúrbio psicológico na família de Ló. O título da bíblia para essa distopia insana é “Frutos da cidade Corrompida”... (GEN:19-30) *Ló resolveu morar em uma caverna com as duas filhas. A mais velha disse para a mais nova “Nosso pai já está velho e na Terra não há nenhum homem para ter relações conosco. Vamos embriagar nosso pai e ter relações com ele nessa noite”.* Elas o embriagaram, e a mais velha deitou-se com ele. No dia seguinte foi a vez da mais nova. E assim as duas filhas ficaram grávidas do pai. A Bíblia ressalta que o gesto das filhas de Ló é motivado pelo desejo de perpetuar a vida. O fato de ela se referir *“na Terra não há nenhum homem para ter relações conosco”*, dá a entender que a Terra se acabou, e que só existia elas duas e o pai no planeta. Os narradores da bíblia se mostraram perdidos, e conflitantes, porque Ló, já havia ido para uma cidade vizinha a Sodoma e Gomorra. Assim sendo, o ato sexual incestuoso das filhas com o próprio pai, não foi de perpetuação da humanidade, conforme sugere a bíblia. A intenção dos escritores hebraicos era chocar os leitores, narrando atrocidades, indignação e destruição, para a manutenção psicótica da devoção obrigatória. A presença dos anjos hospedados na casa de Ló é no mínimo pitoresca. Somando-se a isso os poderes mágicos dos anjos, é demasiadamente teatral, mas inegavelmente eficiente quanto á persuasão para com os leigos impressionados. Observe que as narrativas dos contos bíblicos resultam na auto-afirmação para a divinização de um Deus irresponsavelmente intimidador.

Todas as histórias têm um perfil grotesco e trágico. Por outro lado, os personagens que deveriam servir de exemplo moral, estão sempre envolvidos em algum tipo de sobressalto com a participação do Deus onipotente, que se apresenta, em carne e osso, e conversa com outros personagens, dando ordens mundanas ou exigindo oferendas. Na época, eles julgavam que a Terra era um planeta único, não existia a palavra universo, e Deus nessa concepção teria criado o Céu e a Terra, e se perguntavam, porque as estrelas não caíam. Entretanto a visão celestial de hoje é completamente diferente, e surgiram mais de seis bilhões de galáxias, e isso obviamente, é incontável. A visão microscópica dos escritores bíblicos, quanto á realidade espiritual, vão sendo descortinadas a cada dia, e mesmo assim, o deísmo irascível incutido soberbamente pelas igrejas, continua vendendo um fundamentalismo aterrorizador, como se isso fosse uma dádiva. O que se percebe na leitura é um absolutismo no velho estilo repressivo, dos perpetuadores da metáfora “Temer a Deus”.

O Deus que deveria ser a sublimação, para enaltecer a carência espiritual aparece na bíblia como a divinização da extorsão do amor, porque, quem não o amar e não lhe prestar culto, será punido com severos castigos, e perderá tudo que tem, e uma grave doença se instalará em seu corpo e na sua família, por sete gerações. O termo “temer a deus” não é á toa. É o retrato do amor corrompido. A instrução é *“amar a Deus sobre todas as coisas”*, ou um castigo fatal será iminente. Note que no velho testamento as ameaças divinas eram todas de imediato, Deus nunca prometeu salvação e vida eterna para ninguém, tudo aconteceria aqui mesmo na Terra no tempo presente. Ele mandava doenças e arrancava toda riqueza do individuo. A proposta de salvação e vida eterna no céu ao lado de Jesus é uma grande hipocrisia da igreja, que surgiu no novo testamento, como um produto, para controlar e envolver as massas, para arrancar delas tudo que fosse possível. Como veremos mais adiante, a venda de indultos do perdão sendo vendido em praça pública, pela igreja para pobres devotos, como um golpe sujo, e o surgimento do dizimo extorsivo.

Na mitologia grega, existiram inúmeros tipos de deuses com histórias trágica ou alegóricas, pitorescas e poéticas, às vezes retratando o bem e o mal, o feio e belo. As mais impossíveis das mais possíveis criações da imaginação das artes do imaginário, produzida pela mente humana. Bem pertinente para os humanos primitivos daquela época. Mas a História do deísmo dos hebreus, também remanescente do literário da mitologia grega, exagerou na perversidade, e exemplos sombrios, para efetivar o convencimento da crença.

As histórias de todos os livros bíblicos retratam os acontecimentos como se fossem verdadeiros, e os contos do cotidiano são citados como exemplo divino. Entretanto, a maioria são crônicas bestiais de tragédias não gregas, ou seja, tragédias hebréias, num estilo psicótico envolvendo: covardia; traição; infortúnio; abuso de poder; escravagismo; preconceito; e sugere um grotesco casuismo aos adeptos do cristianismo. Nas escrituras do livro Gênesis não se vê nenhuma benignidade, de Adão a Jacó, os contos são repletos de contradições, e na melhor expressão da palavra, representam o esvaziamento da integridade moral do deísmo em questão.

No livro de Freud (Moisés e o Monoteísmo), ficou claro onde Moisés se inspirou para criação de uma nova deidade, que resultou no protótipo de uma criatura divina e primitiva, que resultou no cristianismo. Agora **veja como o Deus todo poderoso foi inventado**. O resultado do trabalho investigativo com base em pesquisas históricas de escavações arqueológicas foi observado que o Faraó Amenófis IV inventou o monoteísmo e criou o “deus Sol Aten” ou Aton em 1358 a.C. Nessa época o Deus da mitologia cristã ainda nem sonhava existir. O Egito havia se tornado potencia mundial, e o seu império se estendia da Núbia ao sul da Palestina até a Síria, e uma parte da Mesopotâmia. Esse imperialismo refletiu-se para uma nova religião como um universalismo totalitário sob a representação do MONOTEÍSMO, ao invés da multiplicidade de deuses que existia naquela época.

Foram observadas outras coincidências. O nome Aten (ou Atun) era uma manifestação do deus solar egípcio, que soava como a palavra hebraica Adonai (Senhor) e o nome da divindade Síria Adônis. O Faraó Amenófis, abdicou do próprio nome e passou a se chamar AkhenATEN ou Aquenáton. Veja que dentro do seu nome, contém o nome do deus que ele criou. Mas um ponto de fundamental importância também usado pelos hebreus, é que, Akhenaten não permitia que se fizesse qualquer ídolo do deus Aten. O verdadeiro deus, disse o rei, “não possui forma” e sustentou essa opinião durante toda a vida. A invenção monoteísta dessa deidade durou menos de 15 anos. Aquenaten desencadeou uma perseguição aos antigos deuses, principalmente, aos deuses que estavam associados à cidade de Tebas, Amon, Mut e Khonsu, e foi ordenado que os nomes destes deuses fossem retirados de todas as inscrições que se encontrava em todo o Egito. Esta ação de represália atingiu os sacerdotes, e a população devota dos deuses antigos. O reinado do Faraó acabou no ano dezessete e junto com ele sumiu também essa nova deidade monoteísta, que parece que foi resgatada por Moisés que copiou na íntegra, todos os detalhes. Os egíptólogos acreditam que Aquenaten foi assassinado a mando de Sacerdotes prejudicados pela sua invenção monoteísta.

A bíblia é um livro apresentado para mais de quatro bilhões de crentes desse deísmo, é visionado como o livro da ética e da moral. Também conhecido como o “Livro dos Livros”. Mas as histórias textualizadas como exemplos, sempre se apresentam como fábulas da ficção, contadas de formas esdrúxulas, evasivas, desconexas e sem comprovação histórica, contendo sempre, contos de traição, trapaça e morte. Quase sempre intencionalmente promovendo a intimidação. Observe com detalhe, o conto de Isaac, aquele que Deus mandou o próprio pai matá-lo numa fogueira, sangrá-lo antes de queimar. Mas aqui o protagonista é o seu filho Jacó, o grande picareta da bíblia, que trapaceou o pai, e o irmão Esaú, com o apoio da própria mãe Rebeca.

Jacó enganou Isaac, o pai cego (GEN:27-1), para ficar com a primogenitura, que dava direito a receber a herança do pai, no lugar do irmão primogênito Esaú. A mãe mandou Jacó vestir as roupas usadas com o cheiro de Esaú, e o velho cego caiu na armadilha. Após a descoberta, Isaac o pai engrupindo, não voltou atrás, e ainda disse para Esaú... (GEN:28-6) *“eu tornei Jacó senhor de você, dei-lhe todos os seus irmãos como servo, garanti vinho e trigo”*.

Após o golpe, (GEN:27-42) Jacó fugiu para Horã casa do tio, irmão da mãe, outro oportunista, o Lobão. Foi passar uns tempos lá, até as coisas esfriarem. Então Esaú o irmão lesado, sabia que o pai não gostava de mulheres cananéias, e tomou Maelet e mais sete esposas além das que já tinha.

Jacó sonhou que Deus ia lhe dar terras, e sua descendência se tornaria numerosa e ocuparia o Ocidente e Oriente, então prontamente viu que não se tratava de um sonho, mas de um negócio, e prometeu a Deus 10% de tudo (GEN:28-22). O que chama atenção para esse episódio antiético e amoral é o fato em que o Deus onipotente como entidade onisciente, segundo as igrejas (que sabe de tudo antes de acontecer) prestigiou exatamente o irmão vigarista.

Vamos conhecer agora a história amorosa de Jacó, com as irmãs Lia e Raquel. O então Lobão, o pai das duas irmãs fez um trato com o foragido. E disse, “Jacó fique aqui durante sete anos trabalhando para mim de graça e eu lhe dou Raquel”, só que quando finalizou o prazo, Lobão fez uma festa e passou pra frente Lia. Jacó dormiu com Lia, pensando que era Raquel. Note a imoralidade desse negócio, o próprio pai negociava as filhas em troca do trabalho escravo de Jacó. E disse na cara dura para ele, *“nessa terra a mais velha casa primeiro”*. Para levar Raquel, você trabalha mais sete anos. Observe que nesta história bíblica não existe nenhum princípio moral, que possa inspirar seus seguidores.

Continuando a história de Jacó, para minimizar o calote, Lobão presenteou Raquel com a escrava e serva Sala, um mimo para ela esperar mais sete anos. Enquanto Lia a irmã, paria sem parar quatro filhos de Jacó, Raquel não tinha casado ainda, mas já dormia com ele e não ficava grávida, e ofereceu sua serva Sala, para transar com